



Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM E PARA OS  
DIREITOS HUMANOS, NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL -  
EEDH

**LEITURAS SOBRE ÁFRICA:**

*Aya de Yopougon* de Marguerite Aboutet no ensino da leitura e da  
cultura africana no ensino fundamental

.

JOÃO VICENTE PEREIRA NETO

BRASÍLIA  
2015



Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

JOÃO VICENTE PEREIRA NETO

**LEITURAS SOBRE ÁFRICA:**

***Aya de Yopougon* de Marguerite Abouet no ensino da leitura e da  
cultura africana no ensino fundamental**

Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de  
Especialização em Educação em e para os Direitos  
Humanos, no contexto da Diversidade Cultural.

BRASÍLIA

2015

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**João Vicente Pereira Neto**

**LEITURAS SOBRE ÁFRICA:**

***Aya de Yopougon* de Marguerite Aboutet no ensino da leitura e da cultura africana no ensino fundamental**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural:

---

Prof. MSc. Eric Sales - UnB

(Professor-orientador)

Prof. MSc. Fabiany Glaura Alencar E Barbosa  
- UnB

(Professora Examinadora)

Brasília, 14 de novembro de 2015

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta monografia a todas/todas educandos do Centro de Ensino Fundamental 05 de Sobradinho que participaram da atividade de intervenção proposta com dedicação e empenho e favorecem minha formação como educador.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente às e aos estudantes do 6º ano do Centro de Ensino Fundamental 05 de Sobradinho pela participação solícita nas ações de intervenção da pesquisa.

Agradeço também às tutoras Júlia Otero dos Santos e Maria Adélia Figueiredo pela mediação valiosa que fizeram ao longo do curso e também aos tutores Clerismar Aparecido Longo e Débora Dutra da Silva pelo apoio na fase final do curso e à Fabiany Glaura Alencar e Barbosa pela participação na avaliação do trabalho.

Agradeço também a todos os autores dos módulos dos cursos e aos professores organizadores do curso Lúcia Helena C. Z. Pulino, Silvia Lúcia Soares, Cléria Botelho da Costa e Francisco Lopes de Sousa, que possibilitaram essa formação em educação em e para dos direitos humanos no contexto da diversidade cultural.

Por fim, agradeço ao professor Eric Sales pela orientação atenta e prestativa do trabalho de conclusão.

*Se a mudança faz parte necessária da experiência cultural, fora da qual não somos, o que se impõe a nós é tentar entendê-la na ou nas suas razões de ser [...]. Da mudança em processo, no campo dos costumes, no do gosto estético de modo geral, das artes plásticas, da música, popular ou não, no campo da moral, sobretudo no da sexualidade, no da linguagem, como da mudança historicamente necessária nas estruturas de poder da sociedade, mas a que dizem não, ainda, as forças retrógradas. (Paulo Freire em *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*).*

## RESUMO

O presente trabalho apresenta uma pesquisa realizada com o objetivo de promover a aplicação da Lei nº 10.639/2003 na aula de língua portuguesa por meio da literatura e assim favorecer a tomada de consciência e a formação de identidade racial de jovens estudantes do Distrito Federal. Para isso a metodologia aplicada envolveu a elaboração de uma sequência didática para doze aulas a ser aplicada em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental do Centro de Ensino Fundamental 05 de Sobradinho, no turno noturno e em regime de Educação de Jovens e Adultos. Inicialmente foi verificado que a Lei nº 10.639/2003 tem importância fundamental na formação da consciência das pessoas para a luta contra o racismo e a exclusão, verificamos também haver grande dificuldade dos professores em fazer cumprir essa lei. Os principais motivos envolvem a falta de formação e de materiais didáticos. Nesse sentido, buscamos trabalhar o conteúdo da lei, não apenas pela obrigatoriedade, mas pela relevância do tema, e tivemos como objeto o livro em quadrinho *Aya de Yopougon* de Marguerite Abouet, uma autora marfinense. Como instrumentos, foram utilizados um debate, um depoimento, um questionário e um texto criativo ou desenho. Os discursos produzidos nesses instrumentos foram analisados e comparados aos objetivos propostos. De maneira geral, notamos que a sequência didática foi profícua para introdução das/dos estudantes na cultura africana. Nota-se que houve dedicação à leitura, desenvolvimento de um discurso novo e próprio a respeito da África, assim como uma identificação cultural entre a cultura dos marfinenses apresentada no livro e a do Brasil.

**Palavras-chave:** África; Leitura; Diversidade Cultural.

## ABSTRACT

This work presents a research that has the objective of promoting the application of the law 10.639/2003 in Portuguese classes based on literature and thus promote the awareness and racial identity formation of young students of the Distrito Federal-Brazil. For this, the methodology involved the preparation of a didactic sequence for twelve lessons to be applied in a group of 6<sup>th</sup> of the Basic Education at the “Centro de Ensino Fundamental 05 de Sobradinho”, at night classes and the Youth and Adult Education system. Initially it was remark that the Law 10.639/2003 is of fundamental importance in increasing the consciousness of the people to fight against racism and exclusion, we noted also it was very difficult for teachers to comply with this law. The main reasons involve a lack of training and teaching materials. In that sense, we tried to work out the content of the law, not just the because of the obligation, but also because of the relevance of the subject, and had as its object the comic book *Aya of Yopougon* Marguerite About an Ivorian author. The instruments used were a debate, a statement, a questionnaire and a creative text or draw. The speeches produced these instruments were analyzed and compared to the proposed objectives. In general, we noted that the teaching sequence was profitable for the introduction of the students in African culture. We noted too that there was dedication to the reading, developing a new discourse and own about Africa, as well as a cultural identification between the culture of Ivoirians presented in the book with the Brazilian culture.

**Keywords:** Africa; Reading; Cultural Diversity.

## SUMÁRIO

<b>1. TEMA</b> .....	<b>1</b>
<b>2. PROBLEMATIZAÇÃO</b> .....	<b>2</b>
<b>3. JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>3</b>
<b>4. OBJETIVOS</b> .....	<b>7</b>
4.1. OBJETIVO GERAL .....	7
4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	7
<b>5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>8</b>
5.1 A LEI Nº 10.639/2003 E O ENSINO DA CULTURA AFROBRASILEIRA .....	8
5.2 DIVERSIDADE CULTURAL EM <i>AYA DE YOPOUGON</i> .....	11
5.3 RODAS DE LEITURA E OS JOGOS DRAMATIZADOS .....	12
5.4 LETRAMENTO LITERÁRIO PARA A SENSIBILIZAÇÃO AO OUTRO .....	15
5.5. JOGOS TEATRAIS E A EXPERIÊNCIA DA LEITURA .....	17
<b>6. METODOLOGIA</b> .....	<b>22</b>
<b>7. AÇÕES INTERVENTIVAS</b> .....	<b>24</b>
SEQUÊNCIA DIDÁTICA .....	25
<b>8. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO</b> .....	<b>27</b>
8.1 DEBATE .....	27
8.2 DEPOIMENTOS INICIAIS .....	27
8.2.1 DISCUSSÃO A RESPEITO DOS DEPOIMENTOS .....	32
8.3 QUESTIONÁRIOS .....	33
8.3.1 DISCUSSÃO A RESPEITO DOS QUESTIONÁRIOS .....	40
8.4 TEXTOS CRIATIVOS .....	41
TEXTO CRIATIVO 1 .....	41
8.4.1 DISCUSSÃO A RESPEITO DOS TEXTOS CRIATIVOS .....	47
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>48</b>
<b>10. REFERÊNCIAS</b> .....	<b>50</b>

## **1.TEMA**

Promoção da aplicação da Lei nº 10.639/2003 que obriga o ensino da cultura e história da África nas escolas, desenvolvendo a construção de novas narrativas e convivência na diversidade cultural por meio do gênero história em quadrinhos com temas da cultura marfinense.

## 2. PROBLEMATIZAÇÃO

Ao entrar em sala de aula em escolas públicas em diferentes regiões administrativas do Distrito Federal nos deparamos com uma realidade bastante distinta daquela que encontrávamos na Universidade de Brasília ou no próprio Plano Piloto. Com a sugestão de leis e implementação de políticas afirmativas como as cotas raciais nas universidades (Lei nº 12.711/2012) e em concursos públicos (Lei nº 12.990, de 09 de junho de 2014) notamos que há certa rejeição dos estudantes negros em relação a estas políticas. De certa forma, tal rejeição pode ser interpretada como rejeição à identificação como negro na sociedade brasileira. Para que sejam efetivas as políticas citadas acima e outras, e, além disso, para que cada um possa gozar plenamente de seu espaço na sociedade é preciso que o reconhecimento de si mesmo seja reforçado e que ultrapasse a barreira dos estereótipos e de um suposto racismo em relação a si mesmos, por não se identificarem como negros. Já a lei federal 10.639 de janeiro de 2003 em seu texto deixa claro em seus dois parágrafos que:

“§ 1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil; § 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.”

Dessa forma, por verificarmos um ambiente em que, apesar de não haver relatos de racismo explícito, existe dificuldade aceitação da cultura e história africana, seja por desconhecimento ou pelo viés com que recebem informações, decidimos trabalhar como tema o atendimento da Lei 10.639 de janeiro de 2003 em sala de aula, por meio da leitura de um livro em quadrinhos de uma autora marfinense.

### 3. JUSTIFICATIVA

Por muitos anos a cultura africana não teve no ensino brasileiro a devida atenção. Na maioria das vezes o ensino se restringe a imagens de pessoas escravizadas, sendo tratadas de maneira naturalizada e sempre do ponto de vista eurocêntrico. Basta passar a vista pelos livros didáticos e veremos os espaços que foram reservados aos brasileiros descendentes de africanos e aos africanos nesses livros. Esse silenciamento é também efeito de muitos outros aspectos da sociedade, a escola é um espelho dessa sociedade, ao mesmo tempo em que a reforça veemente.

Na maioria das vezes, nos livros didáticos, não há nenhum relato historiográfico do ponto de vista africano. Além disso, em outros momentos da história, que não a escravidão, ou das artes as questões raciais são simplesmente apagadas de qualquer debate. É como se disséssemos a todo instante ao estudante da educação básica que ao negro cabe apenas a escravidão, que esse é o único quinhão da história brasileira que lhe cabe. Talvez seja mesmo o mais pesado e o que ainda devemos lutar bravamente para atenuar os efeitos, mas a África é um continente muito grande e de cultura muito vasta para ficar restrito a este fato na educação de nossos jovens, em grande parte afrodescendentes.

Se nas escolas, o povo africano parece estar restrito aos capítulos da escravidão negra dos livros de história, nas mídias em geral, o que temos é uma abordagem exotizante. A visão propagada é de um continente selvagem, de um pequeno grupo de animais de safári e que habitam o imaginário de todos, como se andassem por todos os lados lá; ou mais atualmente de um continente de guerras, fome e epidemias de doenças que avançam sem controle. Mais recentemente temos também as notícias dos novos fluxos de imigração. De qualquer forma, “as notícias” que nos chegam de lá oscilam entre o exótico e o negativo. Qualquer abordagem que soe positiva virá com as já desgastadas cargas de preconceito quando falamos sobre esportes ou música.

Na cultura brasileira, atualmente mesmo na música ou dança pouco temos notado ou falado sobre nossas heranças africanas. Ao contrário, o Brasil tem se tornado “exportador” de seus subprodutos da cultura de massa (televisão, cinema, música) para os países africanos. Aliás, esses países têm sofrido com a entrada da cultura de massa e mundialização crescente, que achata culturas e apaga os relevos tão importantes do continente mais antigamente povoado.

Pensando nessas visões estereotipadas a respeito das culturas africanas, seja historicamente estagnada na fase da escravidão negra ou atualmente baseada em recortes

extremos da imprensa internacional, notamos que seria preciso suprir os jovens afrodescentes do Distrito Federal com novos elementos a respeito da cultura africana. Quanto às visões disseminadas atualmente, não as julgamos superadas, a escravidão é um fato histórico que reverbera com força imensa até os nossos dias, e as catástrofes noticiadas são por si testemunhas de anos de exploração européia, mas é preciso narrar diversos aspectos, para sair do maniqueísmo e dar sentidos e tensão à narrativa. Isso porque, se acreditamos que é necessário reelaborar as narrativas a respeito do povo negro no Brasil, para que comece a fazer sentido para os jovens a ideia de orgulho negro, é necessário fornecer elementos para a construção dessa narrativa.

A Lei nº 10.639/2003 dispõe sobre os seguintes aspectos: a obrigatoriedade do estudo da História da África e dos Africanos de maneira ampla, que deverá ocorrer no ensino fundamental e médio, na educação pública ou particular, e em especial quanto às artes, literatura e história. Vários artigos relatam a dificuldade dos professores em aplicar essa lei, seja por desconhecimento dela, por falta de formação em seus cursos ou continuada ou por falta de material didático.

Nesse sentido, nada melhor que a literatura vista sua universalidade e sua força estética. O gênero escolhido, a história em quadrinhos, tem ainda outros elementos de forte apelo aos jovens, alguns relacionados à linguagem não verbal (cores, formas, estrutura, dinâmica) e mesmo certa dramaticidade o que facilita a leitura nos níveis mais básicos. Além disso, soma-se o fato de que a intervenção foi realizada em aulas de língua portuguesa do sexto ano do Ensino Fundamental Noturno em uma sala de Educação de Jovens e Adultos.

A obra escolhida foi *Aya de Yopougon* escrita pela marfinense Marguerite Aboutet e desenhada pelo francês Clément Oubrerie. Trata-se uma história em quadrinhos editada primeiramente em francês até o volume 5, mas já traduzida em português até o número 3. Considerando que a Lei tema de nosso trabalho de intervenção destaca como áreas em que os conteúdos devem ser apresentados a educação artística, a literatura e a história brasileiras, decidimos trabalhar com a história em quadrinhos, pois entendemos a literatura no seu sentido mais amplo possível. Como a produção estética da língua, que molda os elementos da vida real em ficção. As histórias em quadrinhos, especialmente no modelo em que *Aya de Yopougon* são publicados, podem nessa compreensão mais ampla, isto é, que vai além do livro convencional, ser tratada como literatura.

Na atividade de intervenção trabalhamos apenas com o volume um. A escolha se deveu por vários fatores, entre eles o predominante foi o fato de a narrativa toda estar baseada em Yopougon uma cidade da Costa do Marfim e ter como personagens centrais três

adolescentes negras em conflitos a respeito da vida, dos estudos, dos amores, isto é, dramas adolescentes como quaisquer outros no mundo. O grupo de personagens centrais pode gerar empatia nos estudantes já têm mesma faixa etária e passam pelos mesmos tipos de questões na vida. Nos chamou a atenção nessa história em quadrinhos uma frase logo na em sua capa “esqueça tudo que você ouviu sobre a África. Este livro vai lhe dar uma outra visão”. Essa chamada estava diretamente relacionada ao que procurávamos passar aos estudantes a partir do curso de especialização em realização “uma nova visão” que superasse, sem gerar ilusões é claro, as narrativas estigmatizantes sobre África.

O plano de intervenção foi baseado nas sequências didáticas de Dolz e Schneuwly e adaptadas pelo grupo GEDLLE da Universidade de Brasília. Na etapa de metodologia detalharemos melhor essa escolha. Sequências didáticas se assemelham a um plano, porém podem ser aplicadas a várias aulas e sempre envolvem produtos iniciais, intermediários e finais. No nosso caso, o produto inicial foi um debate a respeito das ideias sobre o continente africano que os estudantes tinham previamente, o processo intermediário responder a um questionário e o produto final a redação de uma continuação para uma história e um desenho. No debate inicial foi proposta uma pergunta a respeito do que os estudantes conheciam sobre África de maneira geral e esses pontos apresentados foram sendo discutidos em sala. Durante a leitura os estudantes escreveram um depoimento espontâneo, sem modelo ou tema definido. E ao final foi apresentado um questionário estruturado com questões a respeito da experiência de leitura coletiva da obra, do uso dos jogos teatrais, e da visão que eles tinham e qual a visão que passaram a ter após a leitura. Também foi proposto que os estudantes fizessem um texto criativo, continuando a história de um dos personagens do livro ou um desenho. Como pensamos na perspectiva de construção de uma nova narrativa, acreditamos que essa foi uma etapa importante, para verificação do cumprimento dos objetivos da atividade de intervenção.

A história em quadrinhos toda baseada em situações cotidianas de um país africano surpreende os estudantes, que mesmo sendo em sua maioria afrodescentes, demonstra surpresa ao ver um livro em que todos os personagens são negros. Ao contrário, como já observamos nenhuma estupefação é notada se todos os personagens de um livro, filme, ou novela são brancos.

Pela necessidade de elaboração de novas narrativas para conscientização das pessoas em geral, fortalecimento da luta pelos direitos humanos do povo negro no Brasil, aumento do respeito à diversidade cultural e melhorias na convivência com as diferenças, acreditamos que a leitura da história em quadrinhos Aya de Yopougon a partir de alguns jogos teatrais e com a

elaboração de produtos iniciais, intermediários e finais por parte dos estudantes pode ser instrumento valioso para intervenção na comunidade do Centro de Ensino Fundamental.

O trabalho com um gênero específico, como é o caso da história em quadrinhos ou romance gráfico permite estabelecer como base toda a teoria da leitura e aprendizado de língua materna que tem como base os gêneros textuais, primários ou secundários. Aya de Yopougon é escrito por uma autora marfinense que tem como objetivo declarado mudar as visões estereotipadas a respeito de África no mundo. Ela busca demonstrar, em relato de experiências autobiográficas que se mesclam à ficção, como se passa a vida de três jovens garotas na Costa do Marfim da década de 1970. Além do exposto acima, o gênero escolhido permite uma leitura dramatizada em grupo e os exercícios de jogos de oralidade propostas, propiciando assim a experiencição da leitura. O gênero conta ainda com o forte recurso imagético que promove a compreensão e a leitura dos estudantes que ainda estão em fase de desenvolvimento, visto que são alunos de EJA no início do segundo seguimento do ensino fundamental. Esse objeto me pareceu o mais pertinente para as turmas de 6º ano do Ensino Fundamental pela mescla entre linguagem verbal e não-verbal, além disso, é um livro que já conhecia anteriormente e que dispunha de exemplares para que todos pudessem ler.

A escola escolhida foi o Centro de Ensino Fundamental 05 de Sobradinho. Decidi trabalhar nessa escola, primeiramente por ser a escola em que atuo como professor de Língua Portuguesa e, portanto, um ambiente que conheço melhor. No turno noturno, não notamos episódios de racismo explícito, mas há relatos no turno diurno. Entre o grupo que trabalho, no turno noturno, percebi que havia falta de informações e conhecimentos a respeito de África que lhes permitissem criar novas narrativas para além da pobreza, fome e doenças. Faltavam-lhes elementos da diversidade cultural de do continente africano. Como se trata de uma escola periférica, que recebe estudantes do entorno de Sobradinho e com pouco acesso a informações além da televisão, considerei que era a aula de literatura um bom momento de lhes oferecer novos elementos para que pudessem refletir e reelaborar suas narrativas sobre África.

## **4. OBJETIVOS**

### **4.1. OBJETIVO GERAL**

Promover a aplicação da Lei nº 10.639/2003 na aula de língua portuguesa por meio da literatura e assim favorecer a tomada de consciência e a formação de identidade racial de jovens estudantes do DF.

### **4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Realizar projeto interventivo de valorização da cultura africana por meio da leitura de uma história em quadrinhos marfinense.

Praticar técnicas diferenciadas de leitura de textos literários que propiciem fortalecimento e orgulho dos jovens estudantes negros.

Propiciar o desenvolvimento da percepção da alteridade por meio de textos literários.

Favorecer o empenho dos jovens nas lutas por direitos humanos no contexto da diversidade cultural.

Discutir a aplicação da Lei nº 10.639/2003 nas escolas e criar sequências didáticas para sua aplicação nas escolas.

## 5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 5.1 A LEI Nº 10.639/2003 E O ENSINO DA CULTURA AFROBRASILEIRA

Durante a realização do curso especialização em educação em e para os direitos humanos, no contexto da diversidade cultural foi o módulo 3 que nos chamou a atenção para uma possível e necessária atividade de intervenção. Nesse módulo, Souza (2015) nos apresenta alterações legais na Lei de Diretrizes e Bases - LDB 9.394/96 introduzidas pelas Leis nº 10.639/2003, Lei nº 11.525/2007 e Lei nº 11.645/2008 as três com a perspectiva da educação para a diversidade cultural e para os direitos humanos.

A primeira delas é a lei nº 10.639/2003 que justamente dá ênfase à história e cultura afrobrasileira. É necessário refletir um pouco sobre o papel social das leis e seu lugar na cultura. Caberia mesmo pensar um pouco as leis como gênero textual. É interessante notar como as leis têm um papel importante na transferência da importância da palavra oral para a palavra escrita. Inicialmente tínhamos todo o valor depositado na palavra falada, com o passar do tempo, a palavra começa a ganhar importância e um dos campos são as escrituras de códigos e regras de conduta. Mas e na nossa sociedade contemporânea, quantas vezes não nos perguntamos se certos comportamentos desejados não deveriam partir do bom senso natural das pessoas e não de leis redigidas, votadas e promulgadas. No caso da lei nº 10.639/2003, talvez pudéssemos nos questionar porque impor via de lei o ensino da cultura e história afrobrasileira, se ela é a nossa própria história. Pois os fatos e desenrolar história nos mostrou que a lei era necessária, vejamos o seu texto completo (BRASIL, 2003):

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Como se pode notar a Lei nº 10.639/2003 dispõe sobre os seguintes aspectos: a obrigatoriedade do estudo da História da África e dos Africanos de maneira ampla, que deverá

ocorrer no ensino fundamental e médio, na educação pública ou particular, e em especial quanto às artes, literatura e história. A mesma lei cria ainda o dia da consciência negra no calendário escolar. Como tivemos essa lei como fundamento, o grupo de ensino fundamental público em aula de literatura se mostrou perfeitamente adequado. É claro que não se trata de simplesmente intervir para cumprir uma lei, mas sim entender a importância de uma ação como essas e a oportunidade para proporcionar uma leitura profícua em consonância com a promoção de direitos humanos.

Sabemos que as ações de leis têm seu peso e são necessárias como desencadeadoras de melhorias futuras na sociedade, uma sociedade que sem uma lei ainda não tinha entendido que precisa ensinar e estudar sua própria história. Uma mesma sociedade, aliás, que tem negligenciado mais uma entre tantas de suas leis.

De acordo com Fernandes (2005) a implementação da lei nº 10.639/2003 “possibilitou a ruptura do modelo eurocêntrico no ensino e a construção de uma educação multicultural na escola brasileira”, pois segundo esse mesmo autor “uma análise mais acurada da história das instituições educacionais em nosso país, por meio dos currículos, programas de ensino e livros didáticos mostra uma preponderância da cultura dita ‘superior e civilizada’, de matriz européia”. Não há dúvidas de que há lei abre caminhos para essa ruptura, mas quem a faz de fatos são os atores, os agentes cotidianos e para isso, não necessárias ações de intervenção diárias.

Em sua ampla revisão sobre o racismo e seu combate nos livros didáticos Rosemberg *et al.* (2003) destaca que a produção brasileira a esse respeito na época da publicação do trabalho era incipiente, o que quer dizer que vivemos uma época em que crescem os interesses pela questão, por exemplo, com a aprovação da lei em estudo. Essa autora, assim como Fernandes (2005) demonstram preocupação em relação à formação dos professores para aplicação das leis nas escolas, o que é legítimo, pois nós licenciados sabemos que na maioria das vezes não recebemos essa formação. No entanto, existem muitas maneiras de se buscar essa formação e isso não será um fator que inviabilizará a implantação a contento de uma lei tão relevante. Outra preocupação é com a qualidade do material didático. Foi nesse sentido que sentimos a necessidade de aportar o livro *Aya de Yopougon* de Marguerite Aboeut, pois os livros didáticos de fato não suprem esse conteúdo, aliás nem sequer o abordam ao longe. É preciso trazer para a sala de aula materiais que valorizem um multiculturalismo crítico a pluralidade cultural (CANEN, 2013, p. 50).

Conforme afirma Dias (2005) as condições escolares no Brasil melhoraram, mas as diferenças entre crianças brancas e não brancas persistem, portanto “o que seguramente pode

ser afirmado é que raça ainda é um problema a ser discutido”, ao contrário do que muitos tentam afirmar. A própria aprovação da lei em 2003 vem a público nos dizer que há uma questão a ser discutida, que temos questões da população negra e porque não dizer, da população em geral, pois no âmago da questão trata-se de nossa diversidade cultural que não caminham bem. Como apontam diversos autores, o fato de não ter tido um sistema de separação oficial como o *apartheid* sul-africano ou estadunidense dá ao Brasil a ilusão de harmonia na miscigenação.

Educar nos ambientes diversos é sem dúvida muito mais difícil, poderíamos nos questionar se a diversidade cultural cresceu de fato ou se simplesmente a percepção é que mudou. No passado, a opção seria sempre de buscar anular ou no mínimo diminuir as diferenças culturais tentando tratar desiguais como iguais dentro do ambiente escolar. Atualmente temos a tarefa de buscar mais respeito e convivência dentro e fora das escolas. Os desafios são maiores, mas os ganhos também o podem ser. É nesse contexto que “as buscas de construção de processos educativos culturalmente referenciados se intensificam” (OLIVEIRA& CANDAU, 2010. p. 16). Para essas autoras é preciso ir além, é necessário “desconstruir o mito da democracia racial; adotar estratégias pedagógicas de valorização da diferença; reforçar a luta antirracista e questionar as relações étnicorraciais baseadas em preconceitos e comportamentos discriminatórios”. A reflexão dessas mesmas autoras tem uma excelente conclusão que consideramos válido citar também para encerrar esta parte a respeito da lei nº 10.639/2003:

por fim, podemos considerar que a lei 10.639/03 pode criar condições, dependendo das perspectivas adotadas pelos sujeitos envolvidos, para o estabelecimento, no contexto educacional brasileiro, de conflitos, confrontos e negociações epistêmicas, pondo em evidência a diferença através do pensamento crítico de fronteira, [...], pois essa legislação permite a visibilidade de outras lógicas históricas, diferentes da lógica dominante eurocêntrica, além de pôr em debate a descolonização epistêmica.

Essa conclusão nos pareceu de grande relevância para ser apresentada nessa fundamentação teórica do trabalho, pois demonstra a importância da criação e promulgação da lei, mas ao mesmo tempo dá a devida importância aos “sujeitos envolvidos” em outras palavras, sabemos que não basta o decreto há que existir vontade de que agente educacional para que ela se cumpra e principalmente para gere os efeitos desejados. E esses efeitos vão muito além de simplesmente esclarecer um pouco mais a população, espera-se mudar a

percepção da população brasileira em relação às suas origens, suas histórias, fazer notar a perspectiva eurocêntrica e a possibilidade de narrativas outras a serem criadas e contadas.

## 5.2 DIVERSIDADE CULTURAL EM *AYA DE YOPOUGON*

A diversidade cultural deve ser valorizada no ambiente escolar, pois este é um ambiente naturalmente diverso, mas com tendências a certa padronização nos comportamentos, nas visões, nas leituras de mundo enfim, por seguir modelos homogeneizantes. Na literatura a hegemonia de gêneros e autores canônicos reflete a exclusão da diversidade no ambiente escolar. Nessas construções de novas posições dos sujeitos, a exclusão acaba por ser praticada (NASCIMENTO; DELMONDEZ, 2014). E a tomada da leitura de textos com temáticas da cultura africana sob nova perspectiva pode funcionar como um elemento de valorização da diversidade e de ação que ajude a romper com modelos homogeneizantes e que contribuam para o acontecimento de reações negativas à diversidade, como “racismo, sexismo, homofobia, classismo, etarismo, intolerância religiosa, morfofobias” (NASCIMENTO; DELMONDEZ, 2014).

A prática de leitura coletiva, ao invés da leitura silenciosa e individual, pode a nosso ver, promover o que dispõe Nascimento e Demondez (2014): “as experiências subjetivas e coletivas se interconectam mutuamente, pois relacionam as narrativas de diferença mediante processos coletivos compartilhados”.

A obra de que escolhemos trabalhar é por si, uma proposta de trabalho com a diversidade. Primeiramente entendemos literatura em seu sentido mais amplo como afirma Candido (1995, p. 74) “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura”, trata-se portanto de permitir-se extrapolar o cânone da literatura e englobar também autores e obras que não estão propriamente nas linhas de frente de estudos literários. *Aya de Yopougon* (2011) de Marguerite Abouet e Clément Oubrerie é uma história em quadrinhos que não é produzida pelas grandes empresas de HQ, tem temática completamente diversa dos produtos de massa como heróis, e traz como protagonistas três jovens garotas africanas que tomam a frente da história em suas ações. Elas são apresentadas de maneira realista, sem “romantização” da adolescência ou da vida cotidiana; enfrentam suas realidades dentro de suas possibilidades. Dessa forma, acreditamos que uma possível identificação foi mais facilmente promovida do que com autores canônicos da literatura ou quadrinhos já assimilados pela cultura de massa.

### 5.3 RODAS DE LEITURA E OS JOGOS DRAMATIZADOS

Existem muitas maneiras de se realizar uma atividade de intervenção no ambiente escolar, elas podem envolver, por exemplo, uma análise documental, um grupo de reflexão e discussão ou uma roda de leitura e reflexão conjunta. Dentre elas optamos por realizar a terceira forma, pois assim poderíamos atuar com o grupo que mais nos interessava: os estudantes. Sugere-se que as rodas de leitura sejam espaços de construção de subjetividade (KASTRUP, 2005), daí a importância de utilizá-la na pesquisa.

A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (AMORIM, 2008) aponta que 41% da população brasileira gosta muito de ler, 46% gosta um pouco e outros 13% não gostam de ler. Aparentemente esses dados são animadores, se 13% não representassem 13,1 milhões de pessoas. A respeito do gosto pela leitura é preciso refletir sobre as suas dimensões, certamente quando afirmamos “gostar de ler” não estamos pensando no ato de decodificação que por si mesmo pode ser considerado neutro. Por outro lado sabemos que permanece no imaginário um status superior da pessoa que lê. Certamente, o gosto, a afetividade está ligada à literariedade do texto, pois é nela que encontramos a subjetividade, pois “são os elementos não informativos, que têm a propriedade de propiciar um prazer, o qual emana de laço pessoal estabelecido entre o leitor que lê e o texto como tal” (ZUMTHOR, 2000, p. 29).

Outro dado da pesquisa é média de livros lidos em um ano, ao total a população brasileira lê 4,7 livros por ano, mas de descontarmos os obrigatórios nas escolas a média cai para 1,3 (AMORIM, 2008, p. 89). O organizador da pesquisa aponta que mesmo havendo um crescimento no número de livros, o que se nota é que:

a chance de que esses leitores sejam leitores culturais – que tenham prática cultural da leitura – é, ainda assim, muito pequena, pois a escola e a universidade, dirigida para formar mão de obra, não acessam a eles a cultura da leitura, nem literatura contemporânea, seja ela brasileira ou universal (AMORIM, 2008, p. 89).

Os dados sob a análise de Galeno Amorim mostram algumas tendências do leitor brasileiro, dentre elas podemos destacar: clericalização do leitor visto que a bíblia é de longe o livro mais lido; infantilização do leitor, dos trinta livros mais lidos treze são infantis;

---

<sup>1</sup> A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* foi executada pelo IBOPE sobre coordenação do Instituto Pró-livro e levantou hábitos, práticas e opiniões da população brasileira a partir de 5 anos de idade e com qualquer nível de escolaridade, inclusive os analfabetos. As entrevistas foram aplicadas no final de 2007 e a análise dos dados se deu no primeiro semestre de 2008 (AMORIM, 2008).

restrição aos livros recomendados na escola; resposta imediata à incitação da indústria editorial e mínima leitura em língua estrangeira. Somaríamos à essa análise a contradição entre a informação sobre o gosto da leitura e o número de livros efetivamente lidos. Os dados da pesquisa são de natureza prioritariamente quantitativa, mas já nos dão um panorama pouco animador no cenário atual da leitura no Brasil. Se pudéssemos somar a eles qual a qualidade da leitura que é feita, possível a tendência seria de piora. Nesse quadro, a afirmação de Paulo Freire de 1993 torna-se ainda atual: “é urgente que a questão da leitura e da escrita seja vista enfaticamente sob o ângulo da luta política a que a compreensão científica do problema traz sua compreensão” (FREIRE, 2011, p. 17).

Regina Zilberman, (1991, p. 9) já considerava que o nível de leitura da população brasileira é baixo, seja pelo nível baixo de consumo de material impresso, “pelo reduzido poder aquisitivo, ausência de política cultural contínua e eficiente e a influência cada vez maior dos meios audiovisuais de comunicação de massa”. Nesses últimos anos, não muita coisa mudou, exceto esse último fator que se acentuou fortemente. Sem que o letramento tenha de fato se universalizado no Brasil, ou como afirma Zilberman sem que “tenhamos experimentado os fenômenos de escolarização coletiva” (1991, p. 9) as mídias eletrônicas tomaram um espaço imenso na sociedade.

Mas se os jovens e adultos estão inseridos nessa sociedade de mídias eletrônicas, interagem nela, porque ainda deveríamos reivindicar a leitura ou ao ato de ler, posto que aparentemente passa-se bem sem ele. Exatamente, porque isso se passa apenas na aparência, “o ato de ler qualifica-se como uma prática indispensável para o posicionamento correto e consciente do indivíduo perante o real” (ZILBERMAN, 1991, p. 17). O texto literário, na medida em que cria realidades completas e paralelas à do leitor contribui para o entendimento da própria realidade vivida. Por isso, escolhemos um texto literário para o trabalho de intervenção a ser realizado nesse curso de especialização. No entanto, é preciso sempre lembrar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2011, p. 19), tal afirmação é importante para nosso posicionamento como docentes, para a tomada de partida em atividades em sala de aula. É claro, que quando a leitura da palavra acontece de maneira efetiva ela irá começar a modificar as leituras que temos do mundo.

O “fracasso” do leitor é conseqüentemente o fracasso da educação em si, pois como já afirmamos anteriormente esses são processos estritamente ligados. Não é possível que um educando que não lê bem se desenvolva bem em outros aspectos de sua vida escolar, conforme afirma Zilberman:

o ingresso do indivíduo na vida comunitária coincide com o momento em que ele começa a freqüentar a escolar e aprender a ler. Ensino e leitura são atividades que, também sob esse aspecto, se confundem, constituindo-se, desde então, no fundamento do processo de socialização do indivíduo (1991, p. 18)

Com o ingresso da pessoa na sociedade por meio da palavra, ele irá se modificar e também terá suas chances de modificar o mundo, como afirmar Freire (2011, p. 40) “a educação modela as almas e recria os corações, ela é a alavanca das mudanças sociais”. Se tomamos a leitura como a principal via da educação podemos afirmar que é a leitura a grande mola de mudanças sociais.

Ao longo da história, os papéis dados ao texto literário em sala de aula foram se alterando, ganhando e perdendo espaço, mas um deles quase sempre permanece que é o de exemplo da norma culta. O uso da literatura como matéria educativa, de fato, antecede a existência formal da escola (COSSON, 2014b, p. 20). De fato, em recente estudo analisando livros didáticos distribuídos pelo Fundo Nacional do Livro Didático e utilizados no ensino médio brasileiro Diniz (2012, p. 119) observou que 18% dos textos literários dos livros estão em capítulos da área de linguística, a maioria em trechos destinados à gramática, o que a autora chamou de uso como “pré-texto”. Segundo Zilberman (1991, p. 135) o professor de literatura no ensino médio se vê diante de apenas duas possibilidades: optar por uma “concepção humanista” ou ceder ao trabalho de preparar para o vestibular. Uma maneira de abordar dialogicamente o texto literário em sala de aula é a apontada por Antonio Candido (1985, p. 5) quando sugere ao “ao professor e ao estudante maneiras possíveis de trabalhar o texto”, mas:

partindo da noção de que cada um requer tratamento adequado à sua natureza, embora com base em pressupostos teóricos comuns. Um destes pressupostos é que os significados são complexos e oscilantes. Outro, que o texto é uma espécie de fórmula, onde o autor combina consciente e inconscientemente elementos de vários tipos.

Tratada como pré-texto nos livros didáticos a literatura parece ser apenas um ornamento da língua, um apêndice, mas ela “participa da própria constituição da língua, contribui para lhe conferir qualidade de língua, estatuto de língua” (MAINGUENEAU, 2006, p.197). Esse mesmo autor afirma que a literatura desempenha um caráter capital no processo de delimitação das línguas, segundo ele para que haja uma língua é necessário que exista um *corpus* literário. Fica-nos claro, portanto, que o ensino da literatura, e especialmente da

literatura afrobrasileira, não pode ser deixado de lado, nem tampouco tratado como apêndice do ensino da gramática, dada a indissociabilidade da língua e da literatura.

#### 5.4 LETRAMENTO LITERÁRIO PARA A SENSIBILIZAÇÃO AO OUTRO

A palavra tem uma dimensão muito grande na vida humana, seria possível inclusive dizer que é ela que nos humaniza. Com o transcurso histórico vimos a palavra escrita ganhar maior importância em relação à palavra falada, mas o fato é que agimos no mundo pela palavra, modificamos o mundo, pensamos o mundo e retemos o mundo por meio dela. Não por acaso, “no princípio era o verbo” e dele teriam sido feitas todas as coisas, segundo a mitologia cristã. A literatura que se estuda na escola é normalmente aquela escrita, e passa, portanto pelos problemas que os educandos têm na aquisição dessa que podemos chamar de uma segunda língua, a língua escrita:

que é compartilhada por uma comunidade muito mais ampla do que aquela formada pelo pequeno círculo de pessoas com quem falamos no dia-a-dia [...] tem convenções ortográficas, repertório lexical e até mesmo construções sintáticas que não costumam ser usadas na fala (LEMLE, 2004, p.63)

Se a palavra é tão importante para a nossa cultura atual, como podemos pensar o pouco espaço dado à literatura no Brasil, como refletem os dados da já citada pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, em que fica claro que a literatura permanece restrita como produto destinado às elites culturais da nação. A entrada no mundo letrado não é opcional, no entanto, cada vez mais as pessoas estão à parte da leitura das obras literárias brasileiras. Não se trata aqui de eleger essa ou aquela obra como boas *à priori*, mas de se reconhecer a importância de certos autores para formação e reflexão da cultura nacional. A literatura nessa perspectiva é apenas mais um adorno, mais *souvenir* inútil para aqueles que podem se dedicar à ela, mas ao invés disso deveria ser democraticamente lida, visto que é “plena de saberes sobre o homem e o mundo” (COSSON, 2014b, p. 16).

Se tomarmos ainda de maneira mais ampla a perspectiva de Antonio Candido em “O direito à literatura” (1995, p. 174) no qual ele se dispõe englobar como literatura:

da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

A questão do ensino torna-se ainda mais importante, pois, ainda de acordo com Candido “vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”. É na arte literária, por exemplo, que podemos buscar a compreensão do outro o que requer a compreensão da própria complexidade humana, mesmo sendo ficção com eles podemos aprender “as maiores lições da vida” (MORIN, 2012. p. 88). Portanto, a literatura não deveria ver seu espaço estar tornando-se “escasso” na sociedade, na escola, na imprensa ou nos lazeres como afirma Antoine Compagnon (2009, p. 21). Nesse cenário, não causa estranheza, portanto afirmar nesse momento, que a “o lugar da literatura na escola parece enfrentar uma de seus momentos mais difíceis” (COSSON, 2014b, p. 20). Nesse aspecto, a lei nº 10.639/2003 é clara a respeito da ênfase a ser dada nas artes e na literatura para o ensino da história e cultura afrobrasileira, pois é um espaço privilegiado.

O espaço da literatura na sociedade é de fato muito pequeno, ela perde espaço para as mídias eletrônicas de massa (filmes, telenovelas e outros artefatos), inclusive que geram produtos transmutados em literatura e mesmo para livros “pasteurizados” e sem significado social empurrados pela propaganda massiva da indústria. Mas quando nos deparamos como afirmações como as de Cosson (2014b, p. 17) em que considera que é “na leitura e na escritura do texto literário que encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos” e complementa “a literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e expressar o mundo por nós mesmos”, a que conclusões podemos chegar? Talvez estejamos vivendo um momento em que as sociedades e seus indivíduos não estejam mais buscando saber quem são, ou nem mesmo tenham esse desejo em si. Ou ainda, que os processos de alienação foram de tal forma eficiente que nem mesmo desejamos expressar o mundo por nós mesmos. Porém como educadores, nosso papel é a busca de fazer acreditar nessa possibilidade, por mais árdua que seja a tarefa. Existe mesmo o pressuposto de que ler é um ato solitário, portanto inadequado para a sala de aula (COSSON, 2014b, p. 27), porém é uma premissa que considera apenas uma maneira de leitura, que não abarca outras tantas maneiras possíveis que não silenciosa. Para Cosson, ao contrário da leitura e interpretação solitária “o bom leitor [...] é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo” (2014b, p. 27).

Diante desse momento da leitura em crise e da perda de espaço da literatura na educação cabe também pensar qual seria a abordagem mais adequada, em outras palavras refletir a respeito do letramento literário. Como vimos em muitas atividades escolares o texto literário é proposto apenas como um exemplo da norma culta ou base para realização de exercícios gramaticais. Por outro lado, existem também abordagens em que se afirma que o

importante é ler, seja o que for, seja como for, nesse caso leríamos a literatura na escola por mera fruição. Ambas são abordagens extremas e claramente problemáticas. Como bem define Cosson “o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola”, e continua:

a questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, [...], mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (2014b, p. 23)

Para uma abordagem adequada da obra literária em sala de aula seria interessante ultrapassar a premissa de que se trata apenas de atividade solitária e silenciosa, mas perceber os múltiplos modos possíveis de se ler um texto literário, e com base nessa premissa buscamos a roda de leitura com jogos dramáticos para ler *Aya de Yopougon*. A elaboração da sequência didática foi baseada no disposto por Dolz *et. all.* (2004). Para Cosson (2014a, p. 72) quando lemos uma obra literária lemos o contexto, o texto e o intertexto, cada um deles em interações entre si e com o leitor e o autor. Tal ampliação da ideia de leitura, segundo Cosson é importante para “demonstrar que a leitura literária não tem apenas um caminho e que o diálogo pode ser efetivado por meio de várias atividades” (2014a, p. 97). Além disso, para alcançar realmente o letramento literário, “há necessidade de ir além da simples leitura do texto literário [...] é preciso fazer uma exploração da leitura e cabe à escola ensinar o aluno a fazer essa exploração” (BENEVENUTI, 2012, p.87), de fato, cabe ao professor que é a representação subjetiva da instituição escola.

## 5.5. JOGOS TEATRAIS E A EXPERIÊNCIA DA LEITURA

Os jogos teatrais têm em Viola Spolin uma de suas principais referências. Ao tratar da experiência criativa, Spolin afirma que (2012, p. 3) “todas as pessoas são capazes de atuar no palco. Todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco”. Tal afirmação nos é importante pela generalização realizada, dessa forma, se o desejo puder ser criado em sala de aula, todos os educandos podem aproveitar das atividades propostas pela intervenção. O lado lúdico dos jogos, é um fator desencadeador desse desejo de jogar e por consequência de aprender.

O jogo está intimamente ligado à brincadeira, na medida em que tem regras mais ou menos fluidas e uma carga grande ludicidade. O jogo, de acordo com Reis (2014, p. 141-142) “ensina a dialética da liberdade e das regras”, ambos fundamentais para que ele aconteça

assim como na linguagem é preciso que haja regra e burla para desenvolvimento da linguagem e das línguas, a literatura é um campo fértil de ocorrência dessa dialética. Durante a realização dos jogos, os educandos são ao mesmo tempo observadores e sujeitos das ações, portanto observam e vivem a experiência e assim o aprendizado acontece, pois “aprendemos através da experiência, e ninguém ensina nada a ninguém” (SPOLIN, 2012, p. 3).

Assim é importante trabalhar as técnicas da leitura, mas também a empatia, isto é, a afetividade em sala de aula. Apesar de termos como ponto de partida os textos literários, no caso histórias em quadrinhos marfinenses, tivemos a intenção de buscar direcionar o foco para o aprendiz, fazendo assim surgir novos lugares de professor e estudante na sala de aula, novos lugares de aprendizado. Quando consideramos os leitores como agentes discursivos e não como objetos estamos promovendo leituras de mundo que implicam no que Freire (2011) chama de percepção crítica, interpretação e re-escrita do lido, re-escrita da palavra e do mundo em sua materialidade, assim como ação e reflexão unidas tornam o homem um ser que transforma o mundo, com seu trabalho, cria e recria o seu mundo.

Jogos teatrais podem ser entendidos como “um sistema de aprendizagem do teatro alicerçado nos princípios e experiências artístico-didáticas da pesquisadora norte-americana Viola Spolin” (SANTOS; SPRITZER, 2012, p. 32), ou ainda “são procedimento lúdicos com regras explícitas” (JAPIASSU, 2010, p. 25). Eles são “ao mesmo tempo atividades lúdicas e exercícios teatrais que formam a base para uma abordagem alternativa de ensino e aprendizagem” (KOUDELA, 2008, p. 15). De acordo com Japiassu a finalidade do jogo teatral na educação escolar é “o crescimento pessoal e o desenvolvimento cultural dos jogadores por meio do domínio da comunicação e do uso interativo da linguagem teatral, numa perspectiva improvisacional ou lúdica” (2010, p. 26).

Na perspectiva histórica, podemos dizer que os jogos teatrais foram sendo criados e desenvolvidos dentro das companhias teatrais com objetivo de formação de atores, mas não são raras as experiências de trabalhos com “não-atores”. Tais experiências buscam proporcionar às demais pessoas os benefícios observados nos processos de preparação, mesmo que não se tenha o objetivo de montagem de um espetáculo. Esses benefícios estão relacionados ao aprofundamento da experiência estética, à experiência. Segundo Spolin (2012, p. 3) “experienciar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organicamente com ele. Isto significa envolvimento em todos níveis: intelectual, físico e intuitivo”. Ainda segundo essa autora o intuitivo seria o mais importante dele para a aprendizagem, em suas palavras, o mais “vital” e mesmo assim é negligenciado. Como ressalta Cosson (2014b, p. 15) da mesma forma que pode atrofiar nosso corpo físico, nossos “outros corpos” podem atrofiar

por falta de afetividade. Isso porque, de acordo com esse autor somos a soma de um corpo linguagem, um copo sentimento, um corpo imaginário e assim por diante.

Procuramos no desenvolver dessa atividade de intervenção, dar a devida atenção ao aspecto intuitivo por acreditarmos ser ele de suma importância para o desenvolvimento do leitor de obras literárias, como afirmam Santos e Spritzer (2012, p. 27) é preciso “despertar para a fantasia como matéria-prima da criação”. Nesse processo, a atuação do educador pode perder parte do seu caráter castrador e assim a ajuda dele “não significa anular a criatividade e a sua responsabilidade na construção de linguagem escrita e na leitura desta linguagem” (FREIRE, 2011, p. 29).

Por serem “uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência” (SPOLIN, 2012, p. 4) os jogos teatrais podem ser atividades muito relevantes no desenvolvimento do aspecto intuitivo dos educandos. O trabalho com jogos teatrais está em pleno acordo com a pedagogia de Vygotsky segundo a qual o processo de aprendizagem é sempre colaborativo e resulta da ação conjunta entre aquele que aprende e um par mais experiente (MELLO, 2004, p. 145). A interação entre o grupo irá ser muito importante para o desenvolvimento da compreensão humana, que é sempre intersubjetiva e requer abertura aos outros, empatia, simpatia<sup>2</sup> (MORIN, 2014, p. 52). Esse aspecto está, por exemplo, ligado à interpretação dos textos, ou à impossibilidade de interpretação deles, pois em muitos momentos os educandos se não conseguem estabelecer quaisquer relações de sentidos do que leem com o mundo que os cerca.

Outro fator interessante, dos jogos teatrais é que eles não demandam pré-requisitos, fato que se torna importantíssimo nas turmas extremamente heterogêneas da educação de jovens e adultos, em outras palavras, o jogo se aprende jogando. Assim como a leitura se aprende ao ler, isto é, lendo. E ler, vai muito além de decodificar sequências de letras, de palavras e sentenças. Na leitura em sentido amplo, a dicotomia entre a palavra escrita e a palavra falada pode ser, de certa forma esbatida, pois ainda que tenhamos o suporte do texto escrito o mais importante é a sua vocalização e foi permitida e estimulada a improvisação a partir dele. Bajard (2007,) propõe que o maior número possível de elementos sejam utilizados no ensino da leitura, não apenas o texto, mas também imagens e sons, o teatro nos fornece elementos para realizar a fusão desses múltiplos elementos. Contar histórias utilizando

---

<sup>2</sup> Tradução nossa: *La compréhension humaine, toujours intersubjective, nécessite ouverture sur autrui, empathie, sympathie.*

também desenhos, além das palavras é algo muito antigo, podemos dizer que data mesmo desde as pinturas rupestres (ALVES, 2001).

História em quadrinhos é um gênero muito versátil e pode ser utilizado no ensino e aprendizado de diversos conteúdos, desde linguagens, humanas até ciências (KAMEL, 2006), pois representam no mundo inteiro um meio de comunicação de imensa popularidade e aceitação (RAMA; VERGUEIRO, 2008). É relevante partir principalmente das experiências orais para a escrita, segundo Freire (2011), pois assim podemos utilizar noções afetivas e mais significativas para o leitor em formação inicial.

Durante os jogos teatrais, com ênfase em leitura de poemas, os educandos podem ter a oportunidade de experienciar de fato essa leitura. Essa nova experiência de leitura, parte da ideia de que o texto irá ser tomado pelo corpo do leitor/ator no momento de sua leitura, e não apenas pronunciado ou simplesmente lido mentalmente. É preciso mesmo fazer notar ao educando que a voz e a fala estão ligadas ao corpo (REIS, 2014, p. 137). Trata-se, como afirma Zumthor, de propiciar “uma percepção sensorial do ‘literário’ por um ser humano real” (2000, p. 28).

A partir dessas práticas espera-se que o educando possa ler as histórias em quadrinhos propostas, melhorando sua capacidade de decodificação, mas principalmente ampliando suas possibilidades de interpretação, significação e fruição estética, pois acreditamos que como afirma Reis “o acesso estético à linguagem pode ser feito por intermédio do teatro através da proposta da articulação de uma comunicação autêntica e uma comunicação estética, o que motiva as relações e um verdadeiro desejo de expressão” (2014, p. 136-137). E assim, modificando suas concepções sobre a cultura e história africana e afrobrasileira, construindo uma nova narrativa.

O corpo do ator “dá forma à arte”, “para além do domínio e uso dos movimentos, é o meio de um processo mais amplo e integral de percepção, observação, imitação, compreensão e representação” (SANTOS; SPRITZER, 2012, p. 15). Ainda que não tenhamos a intenção de formar atores, o trabalho com jogos teatrais pode dar aos leitores traços desses elementos de percepção e observação incrementando muito suas leituras. De acordo com Cosson “a dramatização enquanto prática de leitura requer a integração de várias linguagens artísticas e vem daí sua importância para a formação do leitor” (2014a, p. 110).

As práticas de leituras integradas aos jogos teatrais estão também diretamente ligadas às práticas de escritas, pois esses são processos que se mesclam naturalmente. Uma maneira de se trabalhar com a escrita nesse processo é proporcionar espaço ao educando de escrever sobre suas experiências na forma de diários e respondendo a questionários estruturados e

outros produtos discursivos. A prática com diários nos permite como “ter acesso à palavra do sujeito, ao relato pessoal de suas impressões em relação à experiência” (REIS, 2008, p. 74) e partir dela refletir sobre a continuidade dos trabalhos.

A escolha do que iremos ler nunca é inteiramente livre, de fato, nem mesmo a escolha se iremos ler ou não o é. No ambiente escolar, poucas são às vezes em que o educando pode escolher o que irá ler, normalmente lê-se o que está programado para exames ou vestibulares, o que aparece nos livros didáticos ou o “proposto” pelo professor ou programa da instituição. Tal imposição é bem mais forte no Ensino Médio que no Ensino Fundamental, pois a literatura passa a ser prevista como conteúdo programático e “matéria de vestibular”. Raras são as vezes em que a lei a lei nº 10.639/2003 é levada em consideração na escola das obras, razão pela qual decidimos ler *Aya de Yopougon* com os estudantes do Ensino Fundamental. Principalmente por isso, a abordagem passa a ser predominantemente de sequências históricas, características gerais de escolas literárias e mesmo resumos de obras literárias, especialmente de obras mais afastadas no tempo, dificilmente no Ensino Médio ultrapassa-se a barreira no Modernismo. Esse livro possibilita uma ampla gama de “temas significativos à experiência comum” (FREIRE, 2011, p. 41) que podem ser integrados às sequências didáticas, permitindo a “participação crítica e democrática dos educandos no ato de conhecimento de que também são sujeitos” (FREIRE, 2011, p. 53).

Acreditamos que os trabalhos coletivos com os jogos teatrais podem funcionar como propulsores dessa liberação para melhores leituras e compreensão mais acurada da história cultura africana. A respeito do ensino da História da África, mas acreditamos que possa ser válido também para sua cultura, afirma Oliva:

as limitações transcendem — ao mesmo tempo em que se relacionam — os preconceitos existentes na sociedade brasileira, e se refletem, de um certo modo, no descaso da Academia, no despreparo de professores e na desatenção de editoras pelo tema (2003, p. 455).

Apesar de não ser algo simples, é uma tarefa urgente diante de tanto preconceito na sociedade brasileira.

## 6. METODOLOGIA

A atividade interventiva envolveu três momentos: uma pré-leitura, a leitura em si e um pós-leitura da obra *Aya de Yopougon* de Marguerite About. Ela teve um caráter qualitativo, apenas o teor dos discursos apresentados foi avaliado e discutido nessa monografia, sem necessariamente nos atermos a levantamento estatístico.

Foi previsto um tempo de doze aulas de 45 minutos com uma turma de Língua Portuguesa do 6º ano no Centro de Ensino Fundamental 05 de Sobradinho que estudam no regime de Educação de Jovens e Adultos. Isso significa dizer que são todas/todos fora da idade convencional para o 6º ano. Também são estudantes que têm seus primeiros contatos com a literatura e com história, e com muitas dificuldades em relação à leitura e escrita, ou grau de letramento ainda bastante falho. Eles/elas são homens e mulheres, entre 16 e 45 anos, alguns trabalham durante o dia e outros não. Foi utilizado como principal suporte o livro em quadrinhos acima citado.

A escola em que foi aplicada a atividade é também a escola em que atuo como professor de Língua Portuguesa. No turno noturno, em que atuo e em que foi aplicada a atividade interventiva, o público é formado em sua maioria por adultos (acima de 18 anos), mas também conta com menores de 18 anos, que no entanto, estão fora da faixa etária convencional para o 6º ano, e que normalmente são matriculados a noite. O Centro de Ensino Fundamental 05 de Sobradinho está localizado na Quadra 10 da Região Administrativa V, uma das mais antigas do Distrito Federal. A escola oferece apenas o Ensino Fundamental, nos três turnos e também em turno integral (matutino e vespertino). Em geral, os estudantes mais jovens nos relatam não trabalhar durante o dia, mas a maioria trabalha, em geral relatam atuarem como pedreiros, empregados domésticos, vendedores, cabeleireiros, lavadores de carro, ambulantes entre outras ocupações.

Para sistematização dos resultados, fizemos no momento inicial apenas anotações sobre o debate e ideias gerais. Para principiar o debate foi apresentada a questão “o que você conhece sobre África” e ao longo das respostas espontâneas, as/demais foram tomando parte da conversa.

No processo intermediário, as/os estudantes elaboraram um texto que chamamos de depoimento, ele foi realizado após 4 aulas de leitura e as/os educandos ficaram livres para escrever sobre que aspecto lhes interessasse mais e também na quantidade de palavras que achassem suficiente.

Na etapa final da atividade, ou seja, depois do término da leitura, as/os estudantes responderam a um questionário a respeito da leitura em si, da leitura coletiva, sobre a cultura africana em comparação à brasileira e sobre como suas visões sobre a cultura africana haviam sido afetadas pela leitura do livro em quadrinhos. A seguir apresentamos o questionário apresentado aos estudantes, eles também estiveram livres para não responder, caso não se sentissem a vontade.

#### Questionário

- 1) Você acha importante ler?
- 2) Qual diferença você sente entre ler em silêncio ou em voz alta?
- 3) Você acha importante ler sobre a cultura africana? Ela se parece com a brasileira?
- 4) A sua visão sobre a África continua a mesma desde quando começamos a atividade?
- 5) Que tipo de texto você gostaria de ler mais?
- 6) O que você acha sobre ler coletivamente?
- 7) Você acha importante ler em sala de aula? Por quê?

Por fim, foi proposto às/aos estudantes elaborar um texto criativo ou desenho que tratasse da continuidade das narrativas de cada um dos personagens. Em todos esses instrumentos, buscamos discutir trechos que fossem mais significativos sobre a experiência e que apontassem para o cumprimento dos objetivos.

## 7. AÇÕES INTERVENTIVAS

Escolhemos trabalhar a leitura coletiva de um livro como atividade interventiva. A leitura em grupo, dentro de sala de aula, foi aplicada no mês de junho de 2015 em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental do Centro de Ensino Fundamental 05 de Sobradinho, escola em que atuo como professor. A turma tinha em média 18 alunos, mas nem todas estiveram presentes em todas as atividades propostas.

Conforme discutimos nas referências teóricas, escolhemos trabalhar com uma sequência didática, conforme proposta por Dolz *et al.* (2004) e adaptada pelo Grupo de Didática de Línguas e Literaturas Estrangeiras GEDLLE da Universidade de Brasília, coordenado pela professora Dra. Maria da Glória Magalhães dos Reis e do qual faço parte. As sequências didáticas são preparações mais amplas que um plano de aula por abrangerem mais uma aula, mas principalmente por levarem em consideração um contexto de produção social do discurso.

Consideramos importante que a atividade interventiva fosse ao mesmo tempo bem relacionada ao curso de especialização em educação em e para os direitos humanos no contexto da diversidade cultural e à disciplina língua portuguesa. O estudo no módulo 3, da lei nº 10.639/2003 nos mostrou um novo horizonte de possibilidades de leituras em sala de aulas, e a leitura de Aya de Yopougon se mostrou como uma boa atividade para Ensino Fundamental que, além de cumprir a lei, fosse interessante para começar o debate sobre nossa representações sobre a África atualmente. Além disso, foi realizado um trabalho sobre leitura coletiva, desinibição e estímulo ao trabalho em grupo e à leitura e novas significações e construção de subjetividade, conforme afirma Kastrup (2005) a respeito das rodas de leitura. Esse trabalho foi baseado nos jogos teatrais na leitura e novas formas de leitura em sala de aula. A literatura tem a possibilidade de, justamente por ser arte, liberar o pensamento para a sensibilidade.

A atividade teve duração de 12 aulas ao todo. Na primeira delas houve um debate sobre ideias iniciais que os estudantes tinham sobre a África em geral. O debate aconteceu durante duas aulas de 45 minutos e sobre ele fizemos algumas anotações que serão apresentadas na discussão da atividade. O debate foi iniciado com a questão “O que você conhece sobre a África?”.

Após o debate, começamos a leitura do livro propriamente dito, com um jogo teatral em que de pé, a cada vírgula o leitor deve fazer meia volta com o corpo e a cada ponto uma volta completa. Isso ajuda na desinibição, mas também melhora a leitura, mostrando o tempo

de cada pontuação. Eles se divertem ao mesmo tempo em que aprendem. Após quatro aulas de leituras, os estudantes escreveram sobre suas impressões gerais, de forma livre, o que quisessem. Esses textos foram chamados “depoimentos”, e estão de acordo com a metodologia adotada por Reis (2008).

Ao final da leitura, aplicamos um questionário estruturado, também de acordo com Reis (2008), neles foram feitas questões a respeito da leitura em geral, sobre a experiência em sala e sobre a visão do estudante sobre a África. Apresentamos abaixo o questionário aplicado.

### Questionário

- 1) Você acha importante ler?
- 2) Qual diferença você sente entre ler em silêncio ou em voz alta?
- 3) Você acha importante ler sobre a cultura africana? Ela se parece com a brasileira?
- 4) A sua visão sobre a África continua a mesma desde quando começamos a atividade?
- 5) Que tipo de texto você gostaria de ler mais?
- 6) O que você acha sobre ler coletivamente?
- 7) Você acha importante ler em sala de aula? Por quê?

Por fim, os estudantes tiveram como proposta final na sequência didática a produção de um “texto criativo” no que eles poderiam criar uma continuação para a história de um dos personagens da história que lemos em sala de aula. Havia também a alternativa de se fazer um desenho, já que lemos uma história em quadrinhos, apenas um dos estudantes fez essa opção. A seguir apresentamos a sequência didática que foi elaborada para a atividade interventiva.

### **7.1 Sequência Didática**

#### Leituras sobre África: *Aya de Yopougon* de Marguerite Abouet no ensino da leitura e da cultura africana no ensino fundamental

1. **Gênero:** História em quadrinhos
2. **Agentes discursivos:** Estudantes do 6º do Ensino Fundamental do CEF 05 de Sobradinho.
3. **Suporte:** Livro em quadrinho.
4. **Sugestão de documento:** *Aya de Yopougon* de Marguerite Abouet.
5. **Ações de linguagem:**  
Compreensão escrita;

Produção oral e autoavaliação;

Letramento literário em língua portuguesa;

Leitura e fruição estética.

**6. Objetivos:** Promover a mudança de leituras a respeito da África

Fornecer ao estudante novos elementos sobre a cultura africana;

Desenvolver a subjetividade e o senso de grupo;

Promover a experiência do texto literário;

Favorecer a fruição e a compreensão do texto literário escrito;

Propiciar a desinibição e o desenvolvimento da oralidade em Língua Portuguesa.

**7. Tempo estimado:** 12 aulas de 45 minutos

**8. Etapas da sequência:** Debate sobre o que se conhece sobre África;

Leitura com jogos teatrais diversos do texto; (exemplos de jogos: jogo do ponto e da vírgula, ler com diferentes entonações, rindo, chorando, sussurrando, gritando, etc; cada um faz um personagem);

Elaboração do depoimento;

Continuação da leitura com jogos teatrais;

Resposta aos questionários;

Elaboração do texto criativo ou desenho;

Avaliação coletiva da atividade.

**9. Contexto de Produção e uso:**

Aya de Yopougon foi escrito por Marguerite Abouet, uma escritora marfinense, em língua francesa, mas traduzido em língua portuguesa. Além dos nomes próprios não apresenta maiores dificuldades na leitura. É ambientado na Costa do Marfim da década de 1970 com três jovens adolescentes do sexo feminino como protagonistas o que causou forte empatia na sala de aula.

**10. Elementos literários e lingüístico-discursivos:**

Leitura do texto literário;

Experiência sensorial com o texto literário;

Compreensão e análise do texto literário;

Desenvolvimento da fruição estética;

**11. Produções:**

Inicial – Participação oral no debate;

Intermediária: Escrita do depoimento;

Final: Questionário e texto criativo ou desenho.

**12. Atividades complementares:** Desenho e avaliação oral coletiva da atividade

## **8. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO**

Conforme explicado anteriormente a atividade quatro “retornos” mais pontuais dos educandos, a primeira é participação no debate inicial quando fizemos como pergunta “o que você conhece sobre a África?”, o segundo momento é um depoimento dos educandos após quatro aulas de leitura e os dois últimos são um questionário estruturado e um texto criativo. O número de estudantes da turma é de 18, mas nem todos elaboraram todas as atividades por isso o número é desigual. Começamos sobre as informações do debate.

### **8.1 DEBATE**

No debate, que durou duas aulas de 45 minutos foi proposta como questão inicial a pergunta “O que você conhece sobre a África”. Nesse debate apenas tomei nota de algumas afirmações dos estudantes, mas após o final, para não inibi-los a falar. Ficou claro que a principal fonte de informações que os estudantes de 6º ano do Ensino Fundamental de Educação de Jovens e Adultos têm é a televisão. Na época, a principal notícia que lhes vinha à mente é o surto de ebola. Para eles esta era a imagem da África, surtos de doenças, epidemias diversas, fome generalizada, imigração, pobreza e, talvez a única imagem não ligada a um quadro negativo são os animais selvagens (leões, zebras, girafas, etc.). A maioria afirmava que África seria um país, e não um continente, e não conseguia traçar paralelos entre a cultura brasileira e a africana quando fiz essa pergunta. O quadro geral do debate mostrou o grupo bastante com uma visão bastante estereotipada da cultura africana pela mídia televisiva, confirmando a necessidade da ação de intervenção. É necessário reafirmar que são estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental ainda com poucas aulas de História.

### **8.2 DEPOIMENTOS INICIAIS**

Após quatro aulas de leitura do livro *Aya de Yopougon* e seu prefácio (alguns estudantes levaram o livro para casa e adiantaram ou mesmo finalizaram a leitura), solicitei às/aos educandos que escrevessem livremente sobre a experiência de leitura. Eles e elas estiveram livres para escrever aquilo que sentissem vontade, de acordo com o proposto por Reis (2008) na metodologia dos diários, então eles/elas escreveram sobre a leitura em geral, sobre a leitura coletiva e também sobre o livro. A seguir apresento o que foi escrito pelo grupo e depois a discussão que faço dessa atividade e do que foi escrito. Os textos foram ajustados para a norma padrão ao serem digitados, pois naturalmente como estudantes do 6º

do Ensino Fundamental EJA existem diversos desvios à norma padrão, porém que não inviabilizam a compreensão. A seguir apresento esses depoimentos:

### **Depoimento 1**

*Texto da Aya*

*Foi muito interessante ler em grupos e também gostei muito da história que fala de uma moça que gostava de sair para as festas e que enganava o seu pai, mas um belo dia ela quebrou a cara.*

*Este tipo de história é o que mais acontece no Brasil.*

*E também ler dá uma volta para os pontos e vírgula foi o que eu mais gostei.*

*E o mais interessante do livro é que ele era de figuras e quadrinhos.*

*Eu adorei ler esse livro.*

### **Depoimento 2**

*Estudamos um livro em quadrinhos. Eu e meus colegas de classe. O livro falava da África, foi muito importante porque aprendemos um pouco sobre ponto e vírgula, mesmo que tivemos que nas vírgulas dar meia volta e no ponto uma volta completa.*

*Estudamos em conjuntos e em duplas. Eu gostei muito da estória, foi muito legal, porque o pouco que sabia da África é que era muito pobre, muitas doenças e fome. Eu pude saber que não era só isso, tem um lado bom. Que tem muitas curtições e diversões, os africanos gostam de sair e dançar.*

*Essa história fala de um lugar da África, onde vivem muitas pessoas diferentes, contos sobre umas jovens amigas e suas famílias, cada um com seu jeito de pensar e agir. Fala de várias situações entre essas famílias.*

*As jovens têm pensamentos e maneiras diferentes umas das outras, uma bela moça quer estudar e ser médica, mas as outras jovens pensam em festas, danças e se divertir.*

*Até que uma das moças um dia engravidou, casou e fizeram uma festa, passou um tempo o bebê nasceu e tudo muito bem.*

### **Depoimento 3**

*Eu prefiro ler um lugar mais silencioso, onde ninguém me perturba, eu acho bom ler alguma coisa que interessa no livro. Se o livro for ruim eu não leio, se o livro for bom eu leio até terminar. Eu gosto de ler livros engraçados ou de ação. Ler é um pouco chato, mas é bom quando você não tem nada pra fazer ou deu vontade de ler. A vontade de ler a leitura é muito importante porque te ajudar a você ler melhor.*

**Depoimento 4**

*Acho muito bom ler em grupos porque aprendemos muito. O livro é muito interessante fala sobre a realidade da vida das famílias. O professor tem sim que colocar os alunos para ler mais vezes porque perdemos a vergonha e aprendemos. Sobre a África, o que tinha ouvido falar era totalmente ao contrário do que aprendi.*

*O livro Aya é uma leitura muito interessante mostra como temos que aproveitar para estudar ao invés de ficar só na farra. Devemos nos preocupar mais com o nosso futuro.*

**Depoimento 5**

*Eu acho muito bom ler coletivamente na sala de aula. Assim podemos ser mais criativos na leitura e na escrita e também gostei muito do livro só que ele é muito “doido” por causa da história que se conta lá e acho também que deveríamos fazer mais coisas assim, porque dá um certo ânimo em fazer, e uma distraída e também fica mais fácil ver como estamos na leitura e acabamos praticando ela também pois é muito importante e com aulas assim temos mais oportunidades de lermos.*

**Depoimento 6**

*Eu acho que a leitura em grupo é muito importante, porque temos uma boa comunicação, para sabermos onde estamos errando e para consertar os erros.*

*Na comunicação entre os colegas aprendemos também a não ter medo de se comunicar e de se expressar.*

**Depoimento 7**

*O livro fala de uma jovem que quer curtir a vida indo para os bailes. O mais interessante é que a gente aprende a desenvolver a leitura. Meus três filhos também gostaram de ler o livro. Eles perguntaram “pai essa história é muito interessante”. Serve até de lição para nós que vamos logo entrar na adolescência, quem desobedecer aos pais vai pagar o preço igual à moça da história. Ler aprende cada vez mais.*

**Depoimento 8**

*Eu odeio ler em público. Português é maravilhoso, mas não gosto de ler, mas é obrigatório ler para aprender muito, mas sem leitura nós humanos não temos nada na vida. Mas eu não tinha muito estudo quando morava na roça com meus avôs.*

**Depoimento 9**

*Eu acho muito interessante o fato de ler o livro. O livro é bem legal, ele conta a história de uma menina, eu só acho que deveríamos ler esse livro em casa porque em casa tem mais tempo e você pode ler na hora que preferir e seria bem mais rápido se a gente fizesse em casa.*

**Depoimento 10**

*Apesar de não ter lido o livro todo, achei bem interessante. Nunca tinha lido dessa forma na escola, mas gostei. É bem legal um livro com figuras e sobre a história de alguém. Ele mostra que a África não é tudo o que pensamos. Deveríamos ter mais atividades assim.*

**Depoimento 11**

*Eu acho uma coisa legal, mas ao mesmo tempo chato e também é divertido. Eu gosto de ler sozinho e fazer atividade no caderno e eu não gosto de ler para a sala toda. Eu fico muito tímido, eu gosto de ler mais só pra mim, porque isso me incomoda muito, eu prefiro fazer atividade ao invés de ler, acho ler muito chato.*

**Depoimento 12**

*Eu acho ler na sala de aula é bom, pois eu não tenho tempo para em casa. E o livro tem uma história boa, apesar eu ter lido todo ainda, mas até onde eu li eu gostei.*

**Depoimento 13**

*Particularmente gostei do livro, mas não gostei de ler coletivamente, pois não me concentro direito, pois gosto de ler só com paciência, não gosto de ler sob pressão e sim a leitura tem que ser prazerosa, pois gosto de ler em paz e sem barulho. Em grupo tem muitas vozes não dá para se concentrar ler a noite no fim da tarde, em uma rede, na escola acho que é perda de tempo, envolvendo um livro tão bom quanto esse.*

**Depoimento 14**

*Estudamos um livro em quadrinhos, eu e meus colegas de classe. O livro falava da África, aprendemos um pouco sobre o ponto e a vírgula, mesmo que tivemos que rodar. Nas vírgulas meia volta, nos pontos uma volta completa.*

*Estudamos em conjunto, em duplas, gostei da história, foi muito legal. Porque o pouco que eu sabia da África era que era muito pobre, que tinha muitas doenças, fome, eu pude saber que não era só isso tem um lado bom. Que tinha muitas coisas boas, tinha curtidão e diversão, os africanos gostam de sair e dançar. Essa história fala de um lugar da África, onde vive muitas pessoas de pensamentos diferentes, conta sobre umas jovens amigas e os seus familiares.*

*Cada um com seu jeito de pensar e agir. Fala de várias situações entre essa família, as jovens têm pensamento e maneiras diferentes conta que uma bela moça quer estudar e ser médica. O mais importante é que eu aprendi que a África tem muito sofrimento, mas também tem alegria, diversão, igual a muitos lugares, achei parecido com o Brasil.*

*Apesar de não conhecer, hoje vejo a África de maneira diferente, alegre e divertida, não como eu pensava que só tinha vidas sofridas.*

### **Depoimento 15**

*O que eu entendi a respeito desse livro de quadrinhos é que as pessoas são divertidas e tem umas mais pobres que as outras; e essas estaria muito engraçada tem língua francesa e os personagens da história vivem assim normalmente, gostam muito de festas e de se divertirem. Eu entendi uma coisa que uma das garotas engravida e afinal, eu gostei muito dessa história, porque ela conta a história de uma família africana.*

### **Depoimento 16**

*Eu gostei de conhecer um pouco dessas histórias africanas que mostram uma África diferente do que eles mostram na televisão, de pobreza. Gostei do jeito do livro, que tem cada parte cores diferentes, de meninas que sonham em ser médicas, outra só quer curtir festas e acaba fazendo parte do grupo do CCC.*

*Gostei do jeito que o professor fez para que nós alunos lêssemos o livro de um jeito bem divertido para melhorar nossa leitura.*

### **Depoimento 17**

*A história de Aya foi um livro diferente dos outros que já tinha lido, pode se porque é sobre a África, que tem coisas que não é só tristeza, doença e necessidade como na TV.*

*Esse livro fala de três amigas, duas gostavam muito de sair para festas e a outra que não era de sair muito, o lema dela era de estudar para ser médica.*

*A amiga dela engravidou de um cada, mas casou com outro.*

*Gostei de ler esse livro na sala de aula, uma experiência nova, todos juntos, um livro que parece muito o que a gente vê no dia-a-dia no Brasil, menina que gosta de sair pra balada, outras nem tanto.*

*O que eu já ouvia, falar da África é muito diferente do que eu vi no livro, eu já ouvi falar que são pessoas que sofrem muito porque não têm estrutura para as pessoas vivem tem lá tem muito criança doente, sem o que comer, lá muitos morrem.*

*Espero que a gente tenha mais leitura como essa na sala, eu gostei muito.*

### 8.2.1 DISCUSSÃO A RESPEITO DOS DEPOIMENTOS

Nos depoimentos as/os estudantes estiveram completamente livres para se expressarem da maneira que quisessem, ou seja, eles podiam falar de qualquer aspecto da atividade que quisessem, aquilo que lhes fosse mais interessante. O tamanho também era livre. Percebi que a afetividade foi um tema frequente, para eles foi importante falar do gostar ou não da atividade e do livro. Nos depoimentos foram apontadas descobertas a respeito da África e também sobre similaridades entre a cultura marfinense mostrada no livro e a cultura brasileira, por exemplo “*Este tipo de história é o que mais acontece no Brasil*” (depoimento 1); “*Essa história fala de um lugar da África, onde vivem muitas pessoas diferentes, contas sobre umas jovens amigas e suas famílias, cada um com seu jeito de pensar e agir*” (depoimento 2); “*Ele mostra que a África não é tudo o que pensamos*” (depoimento 10) ou “*hoje vejo a África de maneira diferente, alegre e divertida, não como eu pensava que só tinha vidas sofridas*” (depoimento 14). Notei nesse momento que a leitura de um texto literário com um formato mais dinâmico já começava a render bons frutos. Como demonstrado nesses trechos, vários já apontaram que suas visões sobre África haviam ou mudado, ou se ampliado. Esse era um dos objetivos da atividade interventiva.

Por outro lado, notamos que aqueles demonstravam ainda resistência com a leitura coletiva, se ativeram mais a esse aspecto afetivo de negação da atividade e não trataram do tema. Já os que relataram gostar da atividade, foram além e trataram também da temática da atividade. Por exemplo, o depoimento 13 em que não se trata da história: “*Particularmente gostei do livro, mas não gostei de ler coletivamente*”. Pude notar também que os depoimentos em que se apresenta uma avaliação negativa da atividade vinham ou de uma estudante que tem um grau de letramento mais avançado, e talvez não tivesse paciência para ouvir a leitura dos colegas ou dos estudantes muito tímidos. No entanto, mesmo com essa resistência notei

que o clima na sala de aula foi caloroso na maior parte das vezes e houve muita colaboração coletiva e ajuda mútua.

De maneira geral, os depoimentos foram positivos em relação à atividade, por exemplo, “*Eu acho uma coisa legal, mas ao mesmo tempo chato e também é divertido.*” (depoimento 11), “*Eu acho ler na sala de aula é bom, pois eu não tenho tempo para em casa. E o livro tem uma história boa, apesar eu ter lido todo ainda, mas até onde eu li eu gostei*” (depoimento 12), “*Gostei do jeito que o professor fez para que nós alunos lêssemos o livro de um jeito bem divertido para melhorar nossa leitura*” (depoimento 16) e “*Espero que a gente tenha mais leitura como essa na sala, eu gostei muito*” (depoimento 17). Isso nos apontou que a escolha temática e metodológica era adequada e que valeria a pena continuar com a sequência didática tal qual planejada, principalmente buscando envolver mais os estudantes com mais dificuldade de leitura ou mais tímidos.

A terceira atividade envolveu a aplicação de um questionário em sala de aula. Foram propostas aos estudantes questões a respeito da leitura do livro e suas visões. Eles também estavam livres para não responder, caso não tivessem interesse ou não se sentissem a vontade, nota-se que algumas questões não foram respondidas. A seguir apresento os quinze questionários respondidos:

### 8.3 QUESTIONÁRIOS

#### Questionário 1

- 1) Você acha importante ler? *Sim, porque é muito importante a leitura e me ajuda no meu desenvolvimento e aprendizagem.*
- 2) Qual diferença você sente entre ler em silêncio ou em voz alta? *Porque ler em silêncio estou lendo só pra mim. E em voz alta é bem melhor porque os outros alunos estão observando o que eu estou lendo.*
- 3) Você acha importante ler sobre a cultura africana? *Ela se parece com a brasileira? Sim, as culturas, religiões, comidas, as danças, são bastante parecidas.*
- 4) A sua visão sobre a África continua a mesma desde quando começamos a atividade? *Não, porque o tempo não é o mesmo, porque o tempo hoje é muito diferente.*
- 5) Que tipo de texto você gostaria de ler mais? *Esporte e romance.*
- 6) O que você acha sobre ler coletivamente? *É muito legal.*

7) Você acha importante ler em sala de aula? Por quê? *Sim, acho importante porque na sala é bem mais interessante, e quando nós alunos temos alguma dificuldade podemos perguntar ao professor parar tirar nossas dúvidas.*

### **Questionário 2**

1) Você acha importante ler? *Sim, porque é muito importante a leitura e aprendizagem.*

2) Qual diferença você sente entre ler em silêncio ou em voz alta? *Porque ler em silêncio é para si mesmo e em voz é alta é para os outros observar.*

3) Você acha importante ler sobre a cultura africana? Ela se parece com a brasileira? *Sim, as culturas, religiões, comidas, as danças, são bastante parecidas.*

4) A sua visão sobre a África continua a mesma desde quando começamos a atividade? *Não.*

5) Que tipo de texto você gostaria de ler mais? *Esporte e romance.*

6) O que você acha sobre ler coletivamente? *Eu acho muito importante porque quando lemos em grupo tiramos algumas dúvidas, acho isso muito legal.*

7) Você acha importante ler em sala de aula? Por quê? *Sim, eu acho importante porque ler em sala de aula a gente perde um pouco da timidez e ajuda a desenvolver melhor a leitura.*

### **Questionário 3**

1) Você acha importante ler? *Sim, eu acho muito importante porque quando a gente passa a entender melhor o que está escrito, coletivamente.*

2) Qual diferença você sente entre ler em silêncio ou em voz alta? *Eu acho que há muitas diferenças entre ler em voz alta e ler em silêncio porque quando lemos em voz alta atrapalha um pouco.*

3) Você acha importante ler sobre a cultura africana? Ela se parece com a brasileira? *Sem resposta*

4) A sua visão sobre a África continua a mesma desde quando começamos a atividade? *Sim, pois a África continua sob calamidade.*

5) Que tipo de texto você gostaria de ler mais? *Um texto sobre um trabalhador.*

6) O que você acha sobre ler coletivamente? *Acho muito importante pois quando lemos assim coletivamente a leitura se torna bem extrovertida.*

7) Você acha importante ler em sala de aula? Por quê? *Sim porque a gente desenvolve melhor a leitura e porque perdemos um pouco a timidez.*

### **Questionário 4**

- 1) Você acha importante ler? *É importante ler para melhorar no aprendizado, no conhecimento, melhorar a leitura.*
- 2) Qual diferença você sente entre ler em silêncio ou em voz alta? *É bom ler em voz alta porque quando a gente lê errado o professor e os colegas ajudam.*
- 3) Você acha importante ler sobre a cultura africana? Ela se parece com a brasileira? *Eu pensava que só tinha pobreza, mas tem muita cultura, diversão, achei parecido com o Brasil.*
- 4) A sua visão sobre a África continua a mesma desde quando começamos a atividade? *Sem resposta.*
- 5) Que tipo de texto você gostaria de ler mais? *Poesia e teatro, porque é um texto envolvente.*
- 6) O que você acha sobre ler coletivamente? *Achei um pouco bagunçado no começo, mas no final ficou legal e engraçado.*
- 7) Você acha importante ler em sala de aula? Por quê? *Sim, é muito importante ler na sala de aula porque o professor e os colegas ajudam.*

### **Questionário 5**

- 1) Você acha importante ler? *Ajuda bastante no dia a dia, porque ler é a vida.*
- 2) Qual diferença você sente entre ler em silêncio ou em voz alta? *A diferença é que ler em voz alta te ajuda mais na leitura.*
- 3) Você acha importante ler sobre a cultura africana? Ela se parece com a brasileira? *Sim, porque o professor pode te ajudar com as dúvidas e com as palavras que você não entende.*
- 4) A sua visão sobre a África continua a mesma desde quando começamos a atividade? *Pra dizer a verdade a cultura da África é muito parecida com a cultura brasileira, e sim a minha visão da África mudou muito, pois eu achava a África um lugar pobre e com muito tristeza e vi que não é bem assim.*
- 5) Que tipo de texto você gostaria de ler mais? *Eu gostaria de ler o livro cidade de ossos, porque é um livro de suspense e terror.*
- 6) O que você acha sobre ler coletivamente? *Acho bem legal, pois é mais divertido e interessante e mais empolgante.*
- 7) Você acha importante ler em sala de aula? Por quê? *Sem resposta*

### **Questionário 6**

- 1) Você acha importante ler? *É muito importante ler, é bom demais.*
- 2) Qual diferença você sente entre ler em silêncio ou em voz alta? *A diferença é que em silêncio, entende mais que em voz alta.*

3) Você acha importante ler sobre a cultura africana? Ela se parece com a brasileira? *Sim, porque desenvolve mais na sala de aula.*

4) A sua visão sobre a África continua a mesma desde quando começamos a atividade? *Não respondeu.*

5) Que tipo de texto você gostaria de ler mais? *Histórias em quadrinhos, poesias e lendas.*

6) O que você acha sobre ler coletivamente? *Sim.*

7) Você acha importante ler em sala de aula? Por quê? *Não respondeu.*

### **Questionário 7**

1) Você acha importante ler? *Sim, porque é bom para ficar mais inteligente e ter mais conhecimento.*

2) Qual diferença você sente entre ler em silêncio ou em voz alta? *Porque ler em silêncio eu só leio pra mim, e em voz alta é bem melhor porque a voz sai melhor.*

3) Você acha importante ler sobre a cultura africana? Ela se parece com a brasileira? *Sim, as religiões, as comidas, as danças é um povo alegre como os brasileiros.*

4) A sua visão sobre a África continua a mesma desde quando começamos a atividade?

*Não, porque eu já tive um pouco de conhecimento através do livro o professor trouxe para nós alunos ler e conhecer uma África bem diferente.*

5) Que tipo de texto você gostaria de ler mais? *Poemas, porque eu acho muito bonito.*

6) O que você acha sobre ler coletivamente? *Sim é bem melhor ler em sala de aula para melhorar a leitura e aprender a se expressar com os colegas.*

7) Você acha importante ler em sala de aula? Por quê? *Eu acho muito importante para que eu possa melhorar minha leitura e ter um pouco mais de entrosamento com os colegas.*

### **Questionário 8**

1) Você acha importante ler? *Sim, acho muito importante ler, porque desenvolve muito a leitura e ajuda bastante a gente a aprender a ler cada vez mais.*

2) Qual diferença você sente entre ler em silêncio ou em voz alta? *Que em voz alta me atrapalho bastante às vezes até fico com dificuldade de ler. E em silêncio consigo fazer a leitura muito melhor e acho melhor fazer em silêncio.*

3) Você acha importante ler sobre a cultura africana? Ela se parece com a brasileira? *Que a África é um continente de grande diversidade cultural e é ligada à cultura brasileira. Não, não é parecida. Só é meio que parecida pelo fato das culturas, os costumes, etc... Na verdade não, porque não sei muito sobre a África.*

5) Que tipo de texto você gostaria de ler mais? *Aya 2, porque gostei muito do 1, mas gostaria de ler o 2 para saber mais da história, deve ser bem interessante.*

6) O que você acha sobre ler coletivamente? *Acho muito bom, porque desenvolve um pouco a leitura e é bem melhor assim.*

7) Você acha importante ler em sala de aula? Por quê? *Sim, acho importante porque na sala é bem mais interessante, e quando a gente tiver em dificuldades podemos perguntar o professor e tirar dúvidas.*

### **Questionário 9**

1) Você acha importante ler? *Sim, porque se você não lê você não vai aprender coisas novas, por isso que é importante ler.*

2) Qual diferença você sente entre ler em silêncio ou em voz alta? *Porque eu não fico à vontade em ler alto e prefiro ler pra mim, aí eu sinto melhor em ler só pra mim.*

3) Você acha importante ler sobre a cultura africana? Ela se parece com a brasileira? *Eu aprendi que você precisa ler um livro antes de falar sobre a característica dele. Eles são tem diferença são humanos como a gente.*

5) Que tipo de texto você gostaria de ler mais? *Eu gostaria de ler sobre gibis, estórias e lendas.*

6) O que você acha sobre ler coletivamente? *Eu acho ruim, porque tem algumas pessoas ficam de graça e por isso atrapalham as pessoas que estudam.*

7) Você acha importante ler em sala de aula? Por quê? *Não, porque na sala de aula tem pessoas que bagunçam demais e isso atrapalha muito a gente.*

### **Questionário 10**

1) Você acha importante ler? *Sim, eu acho muito importante, porque o mundo escrito exige que você saiba ler e escrever.*

2) Qual diferença você sente entre ler em silêncio ou em voz alta? *Ler em voz alta é bom para você se corrigir. E silenciosamente é bom quando você está em companhia que não incomoda.*

3) Você acha importante ler sobre a cultura africana? Ela se parece com a brasileira? *Aprendi que a África é normal como todas as cidades com coisas boas e ruins também. Sim, ela se parece com a brasileira. A minha visão mudou completamente.*

5) Que tipo de texto você gostaria de ler mais? *Eu não leio muito, mas eu gostaria de ler mais sobre o corpo humano, revistas e estórias.*

6) O que você acha sobre ler coletivamente? *Eu não gosto muito porque tenho vergonha e fico nervosa e as letras se embarçam e eu me atrapalho toda.*

7) Você acha importante ler em sala de aula? Por quê? *Sim, eu acho. Porque ler na sala eu acho que aprende mais e muitas pessoas não tem tempo para ler em casa.*

### **Questionário 11**

1) Você acha importante ler? *Sim, porque expande o aprendizado de palavras escritas, a leitura e conhecimento. Além de ser prazeroso dependendo do conteúdo lido.*

2) Qual diferença você sente entre ler em silêncio ou em voz alta? *Para mim, ler em voz alta é ruim, pois não me concentro direito e silenciosamente eu entendo melhor o que estou lendo.*

3) Você acha importante ler sobre a cultura africana? Ela se parece com a brasileira? Aprendi algumas palavras que não conhecia como galeriano, maquis e alocôs. Parece um pouco com a cultura brasileira, pois eles gostam de festas e não passam fome do jeito que pensei. Minha visão mudou, porque eu percebi que eles podem ser divertidos como em qualquer lugar.

5) Que tipo de texto você gostaria de ler mais? *Eu gosto de história de coisas antigas, pirâmides, múmias, gosto de ler sobre seres marinhos principalmente baleias, achados arqueológicos como dinossauros e gibis.*

6) O que você acha sobre ler coletivamente? *Eu achei ruim, horrível. Porque a fala dos outros me atrapalha bastante, não consigo me concentrar no que estou lendo, gosto de ler com silêncio, sem outra pessoa falando perto.*

7) Você acha importante ler em sala de aula? Por quê? *Não, porque cada um tem seu jeito de aprender e em sala tem muitos “atrapalhos” como bagunça, barulho.*

### **Questionário 12**

1) Você acha importante ler? *Sim, porque você aprende a ler melhor.*

2) Qual diferença você sente entre ler em silêncio ou em voz alta? *A diferença é que ler em voz alta é bom porque você lê melhor com os colegas e ler silenciosamente você lê só para você.*

3) Você acha importante ler sobre a cultura africana? Ela se parece com a brasileira? A sua visão sobre a África continua a mesma desde quando começamos a atividade? *Eu aprendi que é bem interessante e se parece um pouco com a brasileira. Eu pensei que África era um lugar de doenças e pobreza, depois que eu li o livro achei bem legal.*

5) Que tipo de texto você gostaria de ler mais? *Sobre notícias e filmes de superação.*

6) O que você acha sobre ler coletivamente? *Eu acho bem interessante que você conversa sobre o que você achou interessante, eu gosto de ler em grupo.*

7) Você acha importante ler em sala de aula? Por quê? *Sim, porque se você erra o professor vai corrigir seu erro e você vê se está lendo bem.*

### **Questionário 13**

1) Você acha importante ler? *Sim, porque a gente melhora a nossa escrita e assim lemos muito e conhecemos.*

2) Qual diferença você sente entre ler em silêncio ou em voz alta? *Ler em voz alta é para decorar algo, em voz baixa é momento de reflexão, relaxar.*

3) Você acha importante ler sobre a cultura africana? Ela se parece com a brasileira? A sua visão sobre a África continua a mesma desde quando começamos a atividade? *Sim, porque a cultura africana é parecida com a brasileira em crença e folclore.*

5) Que tipo de texto você gostaria de ler mais? *Queria ler mais romances e poesias.*

6) O que você acha sobre ler coletivamente? *Bom, a gente perde um pouco mais a vergonha de ler e aprende com os nossos erros.*

7) Você acha importante ler em sala de aula? Por quê? *Sim, porque a gente acompanha mais conversando dentro da sala de aula.*

### **Questionário 14**

1) Você acha importante ler? *Sim, eu acho importante ler porque através da leitura ficamos informados sobre o que acontece no mundo e nossa região.*

2) Qual diferença você sente entre ler em silêncio ou em voz alta? *A diferença entre ler alto é que eu acho que entendemos melhor, já pra ler silenciosamente tem que ter silêncio.*

3) Você acha importante ler sobre a cultura africana? Ela se parece com a brasileira? A sua visão sobre a África continua a mesma desde quando começamos a atividade? *Eu aprendi sobre a cultura africana que é uma cultura parecida com a do brasileiro. Minha visão sobre a África nunca foi de sofrimento.*

5) Que tipo de texto você gostaria de ler mais? *Eu gostaria de ler gibis acho bem interessante e engraçado.*

6) O que você acha sobre ler coletivamente? *Eu achei bem legal porque todos acabam entendendo melhor.*

7) Você acha importante ler em sala de aula? Por quê? *Sim, porque você lendo em sala de aula você não vai ler em casa e ter o mesmo aprendizado que você teve em casa.*

### Questionário 15

- 1) Você acha importante ler? *Sim, para melhorar sempre mais.*
- 2) Qual diferença você sente entre ler em silêncio ou em voz alta? *Em voz alta podemos ver mais nossos erros na leitura.*
- 3) Você acha importante ler sobre a cultura africana? Ela se parece com a brasileira? A sua visão sobre a África continua a mesma desde quando começamos a atividade? *Aprendi que independentemente do país ou lugar somos todos iguais.*
- 5) Que tipo de texto você gostaria de ler mais? *Gosto de ler sobre coisas inventadas com aventura.*
- 6) O que você acha sobre ler coletivamente? *Muito bom e divertido.*
- 7) Você acha importante ler em sala de aula? Por quê? *As aulas ficam mais legais.*

### 8.3.1 DISCUSSÃO A RESPEITO DOS QUESTIONÁRIOS

As perguntas não tinham o objetivo de verificação da leitura ou interpretação do texto como se costuma fazer, até mesmo porque isso foi sendo realizado ao longo da leitura e de maneira diversas. De maneira geral, notei avanço em relação à aceitação da leitura coletiva e dos jogos teatrais utilizados. Ao final da atividade os/as estudantes já se mostravam ávidos pela finalização da história, por querer saber seu final e também ficaram curiosos por ler o segundo volume da história em quadrinhos, o que de fato alguns fizeram paralelamente.

Novamente, aparecem questões relacionadas à afetividade, do gostar ou não da atividade, porém ela não é da mesma natureza a respeito do livro, ou seja, mesmo que alguns afirmem não gostar da maneira com que foi feito, nenhum dele avaliou mal o livro lido. Isso nos mostra que, se havia resistência ou desconhecimento em relação ao tema “cultura africana” ele foi sendo aceito pelos/as estudantes ao longo do processo.

Quanto à visão sobre a África e sua cultura e também quanto às relações dessa cultura com a Brasileira, no questionário estruturado notei que eles foram praticamente unânimes, com exceção do questionário 3 no qual o estudante afirma que não mudou sua visão sobre a África, pois continua “uma calamidade”. Outros trataram do tema de maneira muito interessante e contundente, o que me faz acreditar na validade da metodologia de intervenção proposta e no seu valor como fonte de material didático para cumprimento da Lei 10.639/2003 como podemos notar nos exemplos retirados das respostas a seguir: “as culturas,

religiões, comidas, as danças, são bastante parecidas” (questionário 1); “Eu pensava que só tinha pobreza, mas tem muita cultura, diversão, achei parecido com o Brasil.” (questionário 4); “Pra dizer a verdade a cultura da África é muito parecida com a cultura brasileira, e sim a minha visão da África mudou muito pois eu achava a África um lugar pobre e com muito tristeza e vi que não é bem assim.” (questionário 5); “eu já tive um pouco de conhecimento através do livro o professor trouxe para nós alunos ler e conhecer uma África bem diferente” (questionário 7); “Que a África é um continente de grande diversidade cultural e é ligada à cultura brasileira. Não, não é parecida. Só é meio que parecida pelo fato das culturas, os costumes, etc... Na verdade não, porque não sei muito sobre a África.” (questionário 8); “Aprendi que a África é normal como todas as cidades com coisas boas e ruins também. Sim, ela se parece com a brasileira. A minha visão mudou completamente.” (questionário 10); “Aprendi algumas palavras que não conhecia como galeriano, maquis e alocôs. Parece um pouco com a cultura brasileira, pois eles gostam de festas e não passam fome do jeito que pensei. Minha visão mudou, porque eu percebi que eles podem ser divertidos como em qualquer lugar.” (questionário 11) e “u aprendi sobre a cultura africana que é uma cultura parecida com a do brasileiro. Minha visão sobre a África nunca foi de sofrimento.” (questionário 14).

#### 8.4 TEXTOS CRIATIVOS

A última atividade proposta foi a elaboração de um texto narrativo continuando a história de um dos personagens do livro ou um desenho. O desenho foi proposto, pois o livro trabalha ao mesmo tempo com a linguagem verbal e não-verbal. Alguns estudantes fizeram um desenho mais simples junto com o texto ou colocaram uma figura. Nessa atividade, além da prática de escrita relacionada à disciplina de língua portuguesa, eu tinha a intenção de verificar qual a percepção das/dos estudantes em relação ao livro e como eles imaginariam sua continuação. A seguir apresentamos os textos realizados e o desenho de um dos estudantes, o único que optou por fazer apenas um desenho:

##### **Texto Criativo 1**

*Senhor Sissoko*

*O senhor Sissoko era um homem muito rico no continente africano, um homem de muito respeito no meio da sociedade.*

*Mas em compensação o seu filho era muito irresponsável só gostava das zueiras e gastar o dinheiro do seu pai, Sissoko. Mas num certo dia, o Moussa veio com uma notícia para o seu pai Sissoko que tinha engravidado uma jovem moça. Só que o Moussa não queria assumir nada. Mas o seu pai era um homem de muito respeito, e obrigou o seu filho a se casar uma semana depois, Moussa e Adjoua se casaram e com um tempo eles tiveram um bebê e deram o nome de Sissoko Júnior, mas na verdade o filho não era de Moussa.*

*Mas para evitar escândalo ficaram casados. Obedecendo ao seu pai, o senhor Sissoko comprou uma casa para eles morarem. Com isso tudo aconteceu o seu senhor Sissoko ficou muito feliz porque o seu filho deu a ele um neto, porque Sissoko antes só pensava na sua fábrica de cerveja.*

## **Texto Criativo 2**

*Na África tinha um homem chamado Hignace, ele era pai de uma moça chamada Adjoua. Ele era um escritor que escrevia o jornal da cidade, Yopougon na África, na Costa do Marfim. Ele até hoje vive para lá, ele é um homem muito requisitado em toda cidade pois ele já se encontra bem idoso, mas não perdeu sua habilidade de escrever os jornais na sua cidade. Eu gostei muito da sua história.*

## **Texto Criativo 3**

*A mudança de Felicite*

*A vida de Felicite começou a melhorar quando sua prima Aya, apresentou a ela um rapaz chamado Hervé, primo de sua amiga Adjoua. Ela se apaixonou assim que eles se virão a primeira vez que foi no casamento de Adjoua e Moussa. Vendo como o rapaz era bem estudioso resolveu segui-lo e estudar também porque achou maravilhoso descobrir novas culturas, largando assim a vida de farras. Decidiu começar a estudar junto com Hervé; se formaram juntos, ela se tornou a melhor professora daquele lugar, podendo assim fazer o que aprendeu a gostar e ter uma estabilidade para poder se casar com o Hervé se grande amor.*

## **Texto Criativo 4**

*Após Moussa ter engravidado a Adjoua tiveram mais um filho, mas Moussa nunca saber de trabalhar, sempre sustentado pelos pais.*

*Moussa começou a gastar tanto o dinheiro do pai que a fortuna começou a ficar abalada, Adjoua quis is trabalhar com a família de Moussa para tentar recuperar o que o marido havia gastado em todos esses anos.*

*Mas como tudo estava difícil não foi possível recuperar ficaram pobres, as mãe dona Simone quis fazer as pazes com Adjoua, ficar mais perto da família, mas Adjoua resolveu largar Moussa que só queria farra. Ela resolveu contar que o filho que tiveram há anos não era filho dele, mas sim de Mamadou, Moussa ficou tão triste que resolveu ir para a rua beber muito acabou virando mendigo pobre.*

### **Texto Criativo 5**

*Mamadou é um jovem negro de 26 anos de idade nascido em Feira de Santana na Bahia, e com todo negro tem suas raízes na mama África. Atualmente trabalha como mecânico na oficina do Sr. José Ruela, na quadra 2 de Sobradinho-DF. Por insistência de sua mãe com quem mora voltou a estudar a noite, no momento ele prepara para fazer o próximo Enem. O seu sonho é se formar e fazer concurso. Tem orgulho de ser negro e da sua cabeleira Black pauee, o seu maior segredo é um perfume que ele descobriu e se chama cheiro de gato. Com bom bons argumentos, defender sua cultura consciente, sem violência. Quem sabe assim alguém se interessa por você. Porque violência é coisa de gente tola. O meu negócio mano é construído com paz e amor. Falou.*

### **Texto Criativo 6**

*Termina os estudos e entra na faculdade de medicina e com muitas dificuldades ela se torna uma grande médica muito conhecida.*

*E conseguiu um bom emprego no hospital da cidade e seu pais ficaram orgulhosos com o grande talento da sua filha e contavam para todos como sua filha conseguiu ser uma médica.*

*Aya continuou sendo amiga das meninas e madrinha do filho de Adjoua.*

### **Texto Criativo 7**

*Hervé e sua vida*

*O Hervé era um menino muito lerdo, e meio que sem assunto, depois que ele começou a namorar a Felicite tudo ficou mais fácil para ele. Começou a estudar, queria muito ser um mecânico daí por diante ele terminou os estudos, seu pai era muito rico. Resolveu construir uma mecânica para ele. Hervé ficou com a Felicite, deu um estudo para ela também e deu um lugar na empresa para ela trabalhar, depois tiveram filhos, e todos queriam ter uma função na empresa. E assim eles ficaram grandes e Hervé tinha um orgulho imenso pela família que tinha, era muito feliz em saber que seus filhos queriam ser iguais ao pai, depois de ter*

*construído sua empresa maravilhosa Hervé agradeceu tudo ao seu pai e assim por diante ficaram juntos e felizes.*

### **Texto Criativo 8**

*Bintou conheceu um moço que chegou na cidade de Yopougon e ele se interessou em Bintou. Eles começaram a se conhecer até um dia Bintou saiu com o moço, eles confessaram que estavam apaixonados um pelo outro. Eles começaram a namorar. Bintou apresentou o moço para a mãe e o pai que se encantaram pelo moço, passados alguns dias marcaram a data do casamento. Se passaram alguns meses, chegou o grande momento de se casar, Bintou estava muito feliz com seu casamento, fizeram festas passou um tempo e Bintou engravidou do moço e eles viveram felizes para sempre.*

### **Texto Criativo 9**

*Adjoua e sua vida*

*Adjoua descobre que seu filho não é do Moussa, e a mãe de Moussa descobriu isso também. Ela ficou muito brava e fez seu filho se separar de Adjoua. Todos ficaram muito espantados e a Adjoua por não ter estudado teve que ir morar com seus pais.*

*3 anos depois:*

*O filho de Adjoua com três anos de idade, ela decide sair da casa dos pais e ir morar sozinha com seu filho. Ela começou a trabalhar em um salão de beleza lá ela encontrou uma mulher que tinha um irmão muito rico e lindo que estava solteiro.*

*A mulher apresentou a Adjoua para seu irmão, eles se apaixonaram e depois de cinco meses eles se casaram e depois tiveram um filho.*

*Adjoua era ciumenta e seu marido era muito lindo e todas as mulheres ficavam olhando para ele. Ele amava ela muito, mas ela era muito ciumenta e eles acabaram brigando por isso, mas no outro dia ela pediu desculpas e eles estão felizes até hoje e seus filhos tiveram uma educação maravilhosa.*

*Hoje em dia seus filhos têm 23 anos e o outro 30. Eles são muito ricos e muito bem casados.*

### **Texto Criativo 10**

*Hiacinte, pai de Aya trabalha na empresa do Sr. Sissoko que tem uma empresa de cerveja, lá ele trabalha para sustentar sua família que é muito trabalhadora. Sua filha Aya que quer ser médica e sua mulher também trabalha.*

*Hiacinte vai trabalhar fora e sua filha Aya fica saidinha e quando seu pai chega descobre que Aya aprontou muito com suas amigas. Hiacinte, pai de Aya fica muito nervoso pois sua filha não era assim, depois Hiacinte descobre que Aya está grávida, pois sua barriga começa a crescer. Hiacinte fica com tanta raiva que larga mão de sua filha e vai morar sozinho porque sua mulher não quer deixar sua filha sozinha e acaba que Hiacinte volta para sua família e eles vivem felizes.*

### **Texto Criativo 11**

*Ignace era um trabalhar gerente da solibra, uma cervejaria. Ele era o pai de Aya uma menina que tinha um sonho de se tornar médica, seu pai falar para ela que ser médica era coisa de rico. Ignace vivia viajando por várias cidades queria dar exemplo, mas era um tremendo sem-vergonha que dava em cima das mulheres, assim era Ignace, mulherengo. Gostava de uma farra, por isso, certo dia ele teve uma grande surpresa, perdeu emprego, teve filho com outra mulher e acabou ficando com muita vergonha porque ele se considerava um chefe de família, mas nada disso fez com que ele se tornasse fracassado. Ele deu a volta por cima e conseguiu montar sua própria fábrica de cerveja e se tornou um grande empresário da Costa do Marfim.*

### **Texto Criativo 12**

*Vou contar um pouco da vida de uma moça chamada Aya.*

*Aya tinha duas amigas chamadas Adjoua e Bintou essas moças gostavam de sair, dançar, namorar e quando elas iam sair chamavam Aya, mas Aya tinha tarefa da escola para fazer. As meninas que eram da balada curtiam, dançavam, namoravam.*

*Uma das moças engravidou, teve bebê que foi a Adjoua, ele se casou, mas a Bintou ficou solteira e na curtição.*

*Aya conversando com o pai falou para ele que queria ser médica, no início ele não gostou da idéia, mas conversando com seu patrão falando da família ele comentou que sua filha queria ser médica, o patrão incentivou “você tem que ajudar sua filha, vou te promover, vou melhorar seu salário”.*

*O pai de Aya resolveu ajudar a moça, ela se dedicou aos estudos. Passou muito tempo Aya se transformou numa médica famosa, conheceu vários países. Ela recebeu um convite para trabalhar no Brasil.*

*Aya ficou muito famosa, ela escolheu o Brasil para morar, ela se casou com um brasileiro, tem um filho e mora em Brasília-DF.*

**Texto Criativo 13**

*Depois do casamento de Moussa e Adjoua; Hervé estava muito feliz por ter conhecido Felicite que ajudou aquele rapaz a pensar no futuro pois estava gostando da garota de verdade, mas ele não tinha profissão e nem trabalho para se casar com a moça. Então ele seguiu os conselhos de Aya que havia se tornado melhor amiga do casal, resolvendo então estudar e se formar mas ele não queria se tornar medico ou advogado pois seu sonho era com os carros.*

*Hervé então foi trabalhar em uma oficina e com seu estudo se tornou o melhor mecânico da sua região, com isso conseguiu abrir sua própria oficina de carros com uma ótima clientela que gerava muitos lucros, então ele pode se casar com Felicite e pode dar uma ótima vida a ela.*

**Texto Criativo 14 – (Desenho)**

### 8.4.1 DISCUSSÃO A RESPEITO DOS TEXTOS CRIATIVOS

Nos textos criativos notei que a grande maioria das/dos estudantes optou por finais considerados positivos e relacionados à superação. Por mais que não que eu não tenha tido a intenção de trabalhar esse viés, vários notaram como positiva a atitude de Aya, a personagem título, em ser esforçada em relação aos estudos e também a estimular seus amigos a estudarem. Dessa forma, acredito que as/os estudantes estão prontos a uma re-elaboração de suas próprias narrativas e também de suas narrativas sobre África.

Nos textos criativos, temos finais criados pelos estudantes para a maioria dos personagens, o que também demonstra que eles estão atentos para uma atitude inclusiva de abarcar nas atividades personagens diversas. Partiu deles que cada um escolhesse um personagem, e não apenas os protagonistas. Eles tiveram um protagonismo muito interessante nessa escolha. Por exemplo, o senhor Sissoko que fica muito feliz por ganhar um neto (texto criativo 1); o senhor Ignace que apesar de muito idoso continua muito requisitado para escrever jornais (texto criativo 2); Felicité que decide estudar e muda de vida (texto criativo 3); Mamadou que demonstra ser um jovem engajado na causa racial (texto criativo 5); Hervé que estuda e se torna um ótimo mecânico (texto criativo 7); Bintou que encontra um grande amor (texto criativo 8); Adjoua que se separa mas consegue trabalhar e constituir nova família (texto criativo 9) e Aya que vence todas as adversidades e se torna uma médica muito famosa que vem trabalhar no Brasil (texto criativo 12).

Nessa atividade, vi que as/estudantes não se ativeram à questão racial, mas partiram para a escrita das vidas de personagens africanos de maneira naturalizada, possivelmente pela familiaridade que foram tomando com os personagens durante a leitura. De certa forma, acredito que houve a superação da barreira cultura e aceitação da diferença nessa intervenção. Tanto no desenho, quanto no texto criativo 5, é possível notar engajamento do estudante que procurou retratar um jovem trabalhador, que reflete sua condição de vida e sua cor, por exemplo quando fala do uso do cabelo *Black Power*.

Acredito que a opção por criar histórias de superação também esteja relacionada a uma história de vida própria, com muitas adversidades. Mas também vejo essa escolha como relacionada à releitura que fizeram de África, de um continente em miséria, para um continente de diversidade cultura imensa e muitas afinidades com a cultura brasileira, não por acaso, pois é uma de nossas fontes.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade de intervenção se mostrou muito profícua, de maneira geral. Acredito que nela ficou claro ser plenamente possível o cumprimento nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, da Lei nº 10.639/2003 que dispõe sobre a obrigatoriedade do estudo da História da África e dos Africanos de maneira ampla nas escolas, especialmente por meio da educação artística, literatura e história. No nosso caso, a literatura, na forma de um livro em quadrinhos se mostrou um instrumento muito útil e valioso para discussão e reflexão a respeito de novas leituras da cultura africana.

Verificamos assim, que o principal objetivo da pesquisa foi plenamente alcançado, em relação ao cumprimento da lei. Em relação à conscientização e formação de identidade notamos nos depoimentos, questionários e textos criativos, além da observação em sala de aula, um princípio de envolvimento que mostrou na identificação com a cultura africana, quando elas/eles relatam notar similaridades com o Brasil e também na resposta que deram afirmando que suas visões sobre África mudaram em relação ao início da atividade. O projeto interventivo foi realizado tal qual planejado, nas doze aulas de língua portuguesa. As técnicas diferenciadas de leitura, apesar de incomodar alguns estudantes no início, foram bem aceitas e tiveram os objetivos esperados alcançados, promovendo mais prazer na leitura, melhora no desempenho e desinibição. Acredito que as/os estudantes, agora, têm elementos para início de um engajamento na luta contra o racismo no Brasil, pois “lêem” a África de uma maneira diferente.

A atividade certamente pode ser adotada em outras escolas e em outras turmas fazendo-se adaptações se necessário. Os resultados mostram que os estudantes estão abertos a ouvir e refletir sobre a cultura africana, portanto o trabalho com sequências didáticas que tenham como base a diversidade cultural e tomem por apoio outras histórias em quadrinhos da temática seriam interessantes. Outros gêneros também poderiam ser adotados, como o cinema, canções, romances, contos e poesias, dentre outros.

Esta foi a primeira vez que realizei uma atividade de intervenção previamente planejada, em relação aos direitos humanos e diversidade cultural. Vi que apesar de não termos de fato um preparo na Universidade durante nossa formação e mesmo não termos cursos de formação continuada disponível na área, é possível buscar e elaborar materiais didáticos com intuito de introduzir ou melhorar o ensino da cultura e história afrobrasileira nas escolas. Pude, como professor de língua portuguesa, constatar a força de literatura como material de conscientização, pois o prazer estético durante a leitura propiciou nas/nos

estudantes a criação de empatia pelo tema, o que é um ponto de partida muito importante para formação de uma consciência mais ampla sobre as questões raciais no Brasil.

Minha principal questão ao iniciar a proposta de intervenção esteve relacionada a um receio de que o tema gerasse apontamentos dentro de sala sobre quem é negro ou não no Brasil. Essa discussão poderia trazer a tona uma série de preconceitos e outras questões difíceis de lidar e com as quais, eu talvez não tivesse elementos suficientes para lidar. Mas ao longo da atividade, percebi que apesar de a maioria não se afirmarem negros, houve muita identificação com as personagens e com o modo de vida das pessoas retratadas no livro. A ficção, então, cumpriu seu papel de mostrar novas realidades possíveis, o que ficou claro também nos textos criativos que foram elaborados pelas/os estudantes. Considero-me, hoje, muito mais preparado para criar sequências didáticas que tratam da diversidade cultural e que tragam para a sala de aula temas que normalmente são evitados. Outro aspecto que se reforçou em mim foi a plena capacidade de trazer para a sala de aula e conduzir debates sobre a diversidade cultural, mesmo que eu não me considere incluído em um determinado grupo, em outras palavras, que não é preciso ser mulher para tratar do feminismo, ou negro para falar de questões étnico-raciais. Ainda que o discurso de quem vive a realidade tenha mais possibilidades de ter experimentado e portanto validado, como professores nosso papel é abordar sempre que possível a diversidade cultural em sala de aula, evitando e lutando contra qualquer tentativa de homogeneização dos pensamentos, dos comportamentos, das culturas, dos seres humanos, enfim.

## 10. REFERÊNCIAS

AMORIM, Galeno (org.) **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial/Instituto Pró-Livro, 2008.

ALVES, José Moysés. **Histórias em quadrinhos e educação infantil**. Psicologia Ciência e Profissão vol.21 n.3 Brasília Set. 2001.

BAJARD, Élie. **Da escuta de textos à leitura**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

BENVENUTI, Juçara. **O dueto leitura e literatura na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.

BRASIL. **Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em :<<  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>> acessado em 10/10/2015.

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula. Caderno de Análise literária**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio. **O direito a literatura**; In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura pra quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009

CANEN, Ana. **Refletindo sobre identidade negra e currículo nas escolas brasileiras: contribuições do multiculturalismo**. Revista Série-Estudos nº15. 2013.

COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2014a.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2014b.

DIAS, Lucimar Rosa. **Quantos passos já foram dados? A questão de raça nas leis educacionais. Da LDB de 1961 a Lei 10.639.** História da Educação do Negro e outras histórias. 49-62. 2005

DINIZ, Lígia Gonçalves. **Entre o obrigatório e o proibido: a literatura e o leitor em livros didáticos de língua portuguesa para o Ensino Médio.** Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. 145p. 2012.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle & SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita:** apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et all. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez. 2005

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 51ª Edição. São Paulo; Editora Cortez. 2011.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino de teatro.** 9ª edição. Campinas: Papyrus Editora, 2010.

KAMEL, Cláudia; LA ROCQUE, Lucia. **As histórias em quadrinhos como linguagem fomentadora de reflexões – uma análise de coleções de livros didáticos de ciências naturais do ensino fundamental.** Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, v. 6, n. 3, p. 1-15, 2006.

KASTRUP, Virgínia. **O devir-consciente em rodas de poesia.** Revista do Departamento de Psicologia, UFF, v. 17. pp. 45-60. 2005

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Texto e Jogo.** Uma didática brechtiana. São Paulo: 2008.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador.** 16ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2004.

MANGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Tradutor Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MELLO, Suely Amaral. **A Escola de Vygotsky**. In: CARRARA, Kester (organizador). Introdução à Psicologia da Educação. Campinas: Avercamp, 2004.

MORIN, Edgar. **Enseigner à vivre: Manifeste pour changer l'éducation**. Paris : Actes Sud, 2014.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2ª Edição. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do; DELMONDEZ, Polianne. **Sujeitos da Diversidade**. Curso de especialização em educação em e para os direitos humanos, no contexto da diversidade cultural. 2014.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática**. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 25, n 3, 2003, pp. 421-461

OLIVIEIRA, Luiz Fernandes; CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil**. Educação em Revista. Belo Horizonte. v.26, n.01, p.15-40, abr.2010.

RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

REIS, Maria da Glória Magalhães dos. **Bernard-Marie Koltès em cena no ensino de francês língua estrangeira**. In: PIETRARÓIA, Cristina Moerbeck Casadei; ALBUQUERQUE-COSTA, Heloisa. Leitura(s) em francês língua estrangeira. São Paulo: Paulistana, 2014.

REIS, Maria da Gloria Magalhães dos. **O texto teatral e o jogo dramático no ensino de francês língua estrangeira**. 2008. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo,

2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-02122008-171004/>>. Acesso em: 10/06/2015.

ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo Vinícius Baptista. **Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão de literatura**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 125-146, jan./jun. 2003

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni; SPRITZER. **Teatro com jovens e adultos**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.

SOUSA, José Vieira de. **Atualizações na lei de diretrizes e bases da educação**. Curso de especialização em educação em e para os direitos humanos, no contexto da diversidade cultural. 2015

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Tradução Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. 5ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Democracia, educação e leitura. A escolha do texto. Segundo grau, vestibular e literatura. 2ª Edição. São Paulo: Editora Contexto, 1991.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, leitura**. Tradução FERREIRA, Jerusa Píeres; FENERICH, Suely. São Paulo: Edusp, 2000.